



MARCELO DE ALBUQUERQUE VAZ PUPO

BEM-TE-VIS IMAGÉTICOS NO ENCONTRO COM O OUTRO, OLHARES DA
MOVIMENTAÇÃO CIDADE-CAMPO

CAMPINAS
2014
i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO - LABJOR

MARCELO DE ALBUQUERQUE VAZ PUPO

BEM-TE-VIS IMAGÉTICOS NO ENCONTRO COM O OUTRO, OLHARES DA
MOVIMENTAÇÃO CIDADE-CAMPO

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem E AO Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, pra obtenção do título de mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

V477b Vaz Pupo, Marcelo, 1978-
Bem-te-vis imagéticos no encontro com o outro : olhares da movimentação
cidade-campo / Marcelo de Albuquerque Vaz Pupo. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Antônio Carlos Rodrigues de Amorim.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Divulgação científica
. 2. Ecologia agrícola. 3. Cultura. 4. Imagem (Filosofia) - Brasil. 5. Identidade. I.
Amorim, Antônio Carlos Rodrigues de, 1968-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Seeing through other senses : peasantry in movement

Palavras-chave em inglês:

Scientific divulgation

Agricultural ecology

Culture

Image (Philosophy) - Brazil

Identity

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Antônio Carlos Rodrigues de Amorim [Orientador]

Leandro Belinaso Guimarães

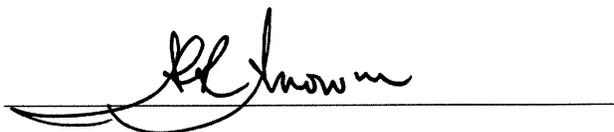
Susana Oliveira Dias

Data de defesa: 14-02-2014

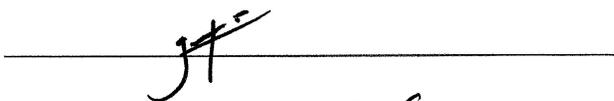
Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim



Leandro Belinaso Guimarães



Susana Oliveira Dias



Carolina Cantarino Rodrigues

Alik Wunder

**IEL/UNICAMP
2014**

Resumo

A pesquisa de mestrado "Bem-te-vis imagéticos no encontro com o outro" entende que os processos sociais em torno da Agroecologia podem ser ricamente estudados quando a análise crítica se pauta sobre as suas dimensões culturais. É neste cenário teórico-metodológico que a pesquisa produz olhares – e imagens – sobre a movimentação cidade-campo a partir da vivência junto à algumas expressões agrícolas e camponesas do Estado de São Paulo, em sua maioria assentamentos da reforma agrária. A pesquisa questiona como a produção de audiovisuais pode gerar narrativas e partilhas que deem visibilidade à agricultura camponesa; como a produção de vídeos pode gerar estesia e abalo político no jogo de significados socialmente construídos (cultura e ideologia) em torno do que pensamos ser alimento e vida. A terra que persiste camponesa e inunda asfalto emana força e sopra símbolos que desordena o discurso único e esgarça o agronegócio monocultural, nos evidenciando que o território em questão é tão concreto quanto imaterial: fato distinto cada qual com seu fruto, linguagens ímpares que o idioma corrente, acadêmico ou popular, mostra imiscível capital e soberania, commodities e segurança alimentar, monocultura e resiliência, latifúndio e dignidade humana. Há sentidos partilhados na sociedade que tencionam identidades e valores no entrelaçamento do mundo rural com o ideário moderno, recampesinização e crise civilizatória. A Agroecologia e os Estudos Culturais animam este cenário investigativo e o retroalimenta, reposicionando a produção do conhecimento acadêmico ao lançar luzes sobre os atores envolvidos. A legitimação crescente dos agenciamentos promovidos pelos movimentos sociais do campo tem implicado sério constrangimento ao conhecimento dominante. Deslocam-se os territórios subjetivos e existenciais, abrem-se fissuras e feridas identitárias, despertam-se minoridades constitutivas dormentes porém potentes. Esta pesquisa olha este fato e disserta sobre elementos que contribuem à percepção desse incessante movimento, memória imorredoura dos povos que reconfigura o visível e o pensável e refaz o mapa do sensível.

Palavras-chave: agroecologia; cultura; imagem; identidade; divulgação científica e cultural.

Abstract

"Bem-te-vis imagéticos" is a master degree research investigating approaches between agroecology, images and communication of science. How can audio-visual materials engender narratives and affections providing visibility to peasant agriculture? Can images create a political impact in cultural representations about what we think food production is supposed to be? Brazilian social movements in agroecology and agrarian reform are serving us splited identities, fluid subjectivities in order to subvert the classical and linear understanding that prescribes us a unique future - industrial lifes, exacerbated consupcion over the basic and traditional human values: respect, altruism and legitimacy in the coexistence with the difference. In order to discuss science communication about agricultural models in brazilian public policies debate, themes like identity, difference, modern imaginary, cultural representations, ideology arise. Rural settlements, indigenous territories, river communities are presenting us "off-axis" forms of life in a normative world. It does not means out of balance lifes, it means exactly the opposite: facing constraints those actors persist recreating their own memories, keeping indispensable connections with land and nature in a complex alterity - relationship we've, as western culture, forsaken over time. In the same way, how can we conceive off-axis images? In what way these images could act by theirselves, not as a world representation, not as a duplicate of something? Is this a powerful question or an attractive investigation to achieve an emancipatory education and a liberatory communication? How could we use these images in our education purpose? What resources are befitting with a communication of science in this sense, in this theme?

Key-words: science communication; agroecology; culture; image; identity.

Sumário

Resumo	vii
Sumário	xi
Dedicatória	xiii
Agradecimentos	xv
Introdução	01
Encontros	04
Campesinidade transitória	12
Identitas	17
Talhar sentidos	21
Percepção (d)e ciência	23
Olhares imagéticos	38
Som do tempo	46
Videofonograma	48
De-sintonias	50
Bastidores de uma cena	54
Quarto das memórias inventadas	61
Seis dos onze	67
Referências	72

Para todos os pés plantados por carinhosas mãos: gentes e sementes como as gêmeas Jojô e Naná,
sementinhas que vieram florescer enquanto redigia as linhas desta dissertação.

Agradecimentos

Aos encontros que, diversos, fizeram surgir o desejo e a vontade de fazer da escrita a vida acadêmica que tanto me marca. Decerto aos meus pais, Fernando e Inês, geração em suas famílias que desbravaram os corredores universitários em tempos de regime despótico, e sempre alimentaram em mim o anseio de estudos e letras. Ao Guigas meu irmão que, ao seu modo, sempre me levou ao movimento, sempre me provocou insurreições — foi numa delas que abandonei o rumo exato e parti para as biológicas, fecundos encontros. A toda grande família, irmãs e irmãos de meus pais e meus queridos primos e primas; um agradecimento especial à tia Cecília, Cláudia, tio padrinho Fernando e tia Márcia, sempre interessados no que ando fazendo.

À minha companheira Tati Dimov pela parceria de filhas, pelas palavras sinceras e pelo profundo aprendizado que, na afetividade e descoberta de amor, me desnuda o ser. Ao meu sogro e à minha sogra, pela receptividade e paciência com um mestrando e pai novo em sua casa.

Foi no Instituto de Biologia que encontrei as forças de vida que até hoje na Unicamp me mantém; a todos que um dia ofereceram seu tempo ao *Viveiro Guapuruvu*, eterno grupo de extensão; meu envolvimento com as pessoas que fizeram biologia é um capítulo à parte, mas em especial agradeço ao aprendizado com o Pedrão, Michele, Silvia, Paula, Tati, Maíra, Igor, Roberta, Anne, Marina, Alice, Mari, Araca, Poti, Gui, Doido, Allan, Carina e Maria Clara — pra cada um teria longos parágrafos de história pra contar... Foi lá também que a amizade com o Marinho se fez broto, amigo intercessor sempre reatualizando-me os pensamentos; ao Chabes, Tarcila, Bruna, Paulão, Lynda, Léo, Vini, Dani, Má e Gastão pelas também ricas companhias.

À todos do Geap, Alex, Lurdes, Marcos, Luci, que me ensinam sobre algumas das maiores virtudes dos pensadores: intuição e clarividência.

À toda turma da Rede de Agroecologia, Giovanna, Chico e Mohamed, ao pessoal da Sociologia Rural da Feagri, Sônia e Julieta e em especial a comadre Kellen — que também contribuiu no projeto de mestrado —, e seus convites para trabalhos dos que mais amadureceram minha vida profissional. Um agradecimento que vai longe e com muita admiração: Chuck, pelo melhor e inesquecível semestre acadêmico que tive na graduação, não porque estava no exterior, mas porque seu olhar pedagógico tem canto certo no que vem dentro de mim.

Em nome das atividades de Extensão Comunitária agradeço à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp, rico tempo que transborda da memória e me acompanha em

forma de amizades e sonhos, reunidos, entre outros arranjos, no coletivo do Amora: Wilon, Tessy, Aline, Taufic, Theo, Ioli, Tira, Lais, Bruna e Fabinho.

Pelas peregrinações sensíveis de arte educador, agradeço sem tamanho as amizades de João e de Jeff, semeadores de belezuras e poetas de simples respiro; aos demais camarás, Denis e Tina.

Às pessoas que diretamente estão implicadas na ventura do projeto e sua dissertação: Adriana Alik e Susana. À Su anfitriã por apresentar-me o programa de Divulgação lá naquela agradável noite de sopa, valorizando desde sempre os materiais que fiz pelo *Fabulografias*. Reforçarei nesse parágrafo a presença de Antonio, AC, tutor desde o colegial no Rio Branco e que atravessada a década me orientou neste trabalho prazeroso de redigir. Agradeço também o grupo Humor Aquoso pelas partilhas feitas.

À Capes, pela bolsa de estudos, e ao Labjor: professores e funcionários que muito apoio me deram durante a espera de chegada de minhas filhas e que de certa forma sustentaram meus estudos: Alessandra, Rafael, Carol, Rosângela, Cica, Marivane, Magali e, como não poderia deixar de ser, às amigas e companheiras de mestrado: Tainá e Fer.

À imensidão e aos sentidos camponeses que só a terra dá àqueles que dela frutificam o eterno viver; Altair, Dona Cecília, Cida, Trampolim, Segura, Lucilene, Braulírio, Maria, Zé, Ileide, Roseli, Irani, Preta e Nice, moradores dos Assentamentos de Sumaré e do Vergel.

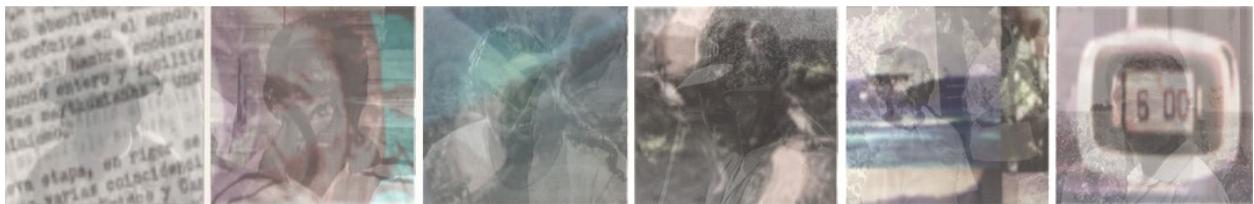
À todos e todas essas e mais um tanto que por aí estão minha sincera gratidão.

Introdução

Escrever sobre os escritos — essa foi a primeira, mas não a única, motivação para montar um blog. Escrever sobre o que andava escriturando por conta do ingresso no mestrado em Divulgação Científica e Cultural, como forma de compartilhar e como forma de retroalimentar o processo criativo que é escrever. Escrever sobre a experiência de trabalho e vida pela universidade, atividades de extensão em Assentamentos Rurais — que moldaram minhas escolhas políticas e poéticas — terra, produção, emancipação, diversidades de sentidos nas vivências com as matizes camponesas da região de Campinas e do Estado de São Paulo, por onde caminho motivado a decompor o que Agroecologia incita em mim.

Compartilhar e retroalimentar são, portanto, os verbos que acentuam o propósito inicial do blog, batizado como *Terra de Sentidos*. Mas ele ganha outra intencionalidade, fundamental eu diria, quando o orientador da pesquisa, Antonio Carlos Amorim, sugere que esse seja o veículo de apresentação do texto de qualificação e de defesa de dissertação do mestrado à banca examinadora e ao “público”, em simultaneidade.

Se a frequência de visitação é algo que se conquista no tempo, tivemos, ainda que simbolicamente, a abertura da caixa-preta da ciência — ao menos do fazer escrita: raptar palavras de distintos contextos para a estamparia textual que forjou a dissertação. Um (micro) furo nessa escura caixa, fazendo dela câmara *pinhole*; à inversão da imagem temos a inversão do fluxo, e é a caixa-ciência que se inunda das projeções que oferece o mundo... mas para onde apontamo-la?



E então a forma de apresentar a pesquisa pelo blog já principia-se a tencionar a dita neutra ciência feita à caixa-preta, e faz em si a reflexão de divulgação de ciência e cultura propondo a ela uma plataforma que ofereça visibilidade(s) à significação camponesa, produzida pela diversidade de suas políticas expressões emaranhadas aqui a um modo específico de pensá-las e

refleti-las.

É também o blog a peça-pedra inicial de um desenho, uma primeira versão propositiva que se soma à concepção de uma plataforma articulada e que se poderá preencher de conteúdos junto à outros indivíduos e coletivos produtores de sentidos e representações que orbitam terra, sociedade e ambiente.

Os pensamentos em desígnio por esta pesquisa tendem a imiscuir-se no que ainda é perspectiva que vem sendo tramada por iniciativas que relacionam universidade, movimentos sociais e assentamentos, envolvendo disciplinas acadêmicas, assentamentos rurais, curso de pós-graduação, projeto de extensão e de doutorado e coletivos autônomos.

É por isso que o grau de liberdade representado pelas as linhas que aqui se seguem pode ser visto como uma tonalidade que contribua para a criação de conteúdos, uma vertente dentre outras que discute linguagem, cultura e imagem.

O formato, portanto, apresentado à banca de defesa pode ser melhor conferido no próprio blog (<http://terradesentidos.wordpress.com/bem-te-vis/parte1/>), cujas imagens abaixo são representativas do conteúdo nele encontrado e disponível na rede mundial:



The image shows a screenshot of a WordPress blog post. At the top, there is a large image of hands holding a small, colorful, multi-layered paper object, possibly a seedling or a craft. Below the image is a navigation menu with links: Escritos, Audiovisuais, Imagens, Biblioteca, Links Interessantes, Sobre, Bem-te-vis. The main content area features the title "Chegada hora?" in a large, bold font, followed by the text "Publicado em 7 de janeiro de 2014 por Marcelo Vaz". The post content includes the text: "Pesquisa no programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, Labjor/IEL Unicamp. Bolsa da CAPES. Banca de Defesa da Dissertação – 14 fevereiro 2013:" and lists the names of the defense members: "Antônio Carlos R. de Amorim (orientador)", "Susana Oliveira Dias", "Leandro Belinaso Guimarães", and "Carolina Cantarino Rodrigues (suplente)". Below this, there is a paragraph of text starting with "Escrever sobre os escritos – essa foi a primeira, mas não a única, motivação para montar esse blog." On the right side of the page, there is a search bar with the text "Buscar ..." and a "Pesquisa" button. Below the search bar, there is a section titled "Publicações Recentes" with a list of recent posts: "Chegada hora? 7 de janeiro de 2014", "BALANÇO 2013 – Os des caminhos da Reforma Agrária 7 de janeiro de 2014", and "Braços, sementes e agricultura 6 de novembro de 2013". Below this, there is a section titled "Bem-te-vis" with a list of links: "Dissertação de Mestrado", "Encontros", "Campecinidade transitória", "Identitas", "Tallar sentidos", "Percepção (de ciência)", "Olhares imagéticos", and "Som do Tempo". At the bottom right corner of the page, there is a small "Seguir" button.



Escritos Audiovisuais Imagens Biblioteca Links Interessantes Sobre Bem-te-viz

Imagens

As do jornal trazem o real
Com as multicoloridas invento o mundo
E flagro além da matéria, além do visível
Rapto um lapso de luz
flagrando a beleza do instante desaparecido
E desconstruo o movimento, o óbvio, o lógico...
Flagro o sorriso de uma criança
e recomponho uma ação
expondo a incerteza do gesto,
a (eterna) profundidade do olhar.



Seu Peão, em ocupação de terra invadida pela Usina

Seguir



Escritos Audiovisuais Imagens Biblioteca Links Interessantes Sobre Bem-te-viz

Identitas

Se existe uma irrefreável procura por algo real certamente não o encontraremos senão pela instabilidade do encontro com o outro. Mas o que desta alteridade camponesa, histórica ou contemporânea, atrai e faz gravitar sobre ela?

Polêmica e divergência em torno da definição conceitual de campesinato, agricultura familiar, pequena produção, são recorrentes nas linhas do pensamento social e antropológico. Tal indefinição serve-nos a pensar a flutuação identitária que dela decorre – ou em sua formulação quiasmática, não seria a identidade camponesa que transgredindo a fixação identitária geraria a indefinição conceitual ao passo que gera uma potência aproximativa?

Como poderíamos pensar essa relação que não se estabiliza, fugidia que é tanto no contato quanto na análise? Importa constatar a inoperância de alguns marcos conceituais ou limitações marcantes de linhagens acadêmicas quando faz-se objeto de pesquisa o campesinato. Capital, renda, trabalho, modos de produção, emprego de mão-de-obra familiar, condições ambientais da atividade agrícola... Como propor um entendimento da afetividade científica com o tema quando o conhecimento institucional, de onde parte esta redação, pouco converge?

Mais valeria destacar do conjunto dos estudos aqueles que dizem "sim", que fazem gravitar o que pertence ao interstício do intelecto: os sabores da porção que sente, que se afeta diante o outro que interessa, estudo anarquista que se deixa levar pelo que pensa o campesinato, pois que ele mesmo anarquiza: personalidade desviante que escapa ao completo intercâmbio capitalista, insufla reciprocidades e age enguando a máquina que produz desnecessidades... Por instantes desmobiliza a feitura de "consumidevoradores" e abre respiros pra outras identidades.

A princípio vale lembrar uma compreensão em torno da configuração identitária e os elementos de subietivação – "modulações



Seguir

Encontros



Entre os atos, fatos ditos nas minhas telas,
algo subsiste por um contínuo que transpassa...
os próprios atos, os próprios fatos.
Mas de outra camada, de outra tessitura.
Ditam palavras: escritas faladas. Falácias.
Fazem piadas: frias, insensatas.
Nem uns, nem outras, boca calada.
Todo dia na rima enxada-madrugada.
Subsiste. Persiste. Sob vã monotonia,
beijo-linha-de-montagem.
Refaz-se sobre ele amor-densidade,
acontecência poética
um tanto mais lúcida, desperta.
Trigo de pão, futuro na mão,
lâmina que ceifa sob a face do chão
toda fome de sim, fazendo húmus do não:
não-emoção, não-brincadeira, não-violão,
não-coragem, não-participação, não-inexato,
não-mistura, não-história,
não-coração.
História da terra-nós-eu, galhinho nascido
da aurora dos tempos, do tempo em que
não havia invenção do tempo,
berço das folhas tenras e
da incipiente consciência.
Com ciência de que?

Assume-se aqui o fator instável, da escrita esboçante de um pensamento que é nômade no passar das horas. Assume-se também o fator estável, de escritas que levam aparência do tipo escavada dos sítios arqueológicos, reminiscência soterrada como signo de uma parada nômade, pois que todo (pensamento) nômade o é devido seu pouso. Em outras palavras, não se ajusta os argumentos a um alinhamento nem de escola nem de teorias gerais, mas se flutuam nas teorias do conhecimento (se ingenuam?) por vezes se sedimentam em experiências vividas.

O encontro então é múltiplo.

A pesquisa serve pra tornar redigido um deles, específico da construção social circundante que de alguma forma me tomou, e aposto eu, nos toma a todos de uma maneira que vale partilhar pela singularidade do que o verbete campesino fecunda em cultura. Se ele — verbete — nos atravessa desde o século XVIII é porque sua persistência enquanto forma designativa se renova por dobramento e desdobramento incessante, caso contrário a forma já teria se desintegrado. O desafio (preliminar?) desta travessia acadêmica tem sido expressar esta (des)dobra na linguagem que se alcança: letras, luz, contraste e imagens.

E talvez seja este desafio que multiplica os encontros. Encontro com pensamentos de teóricos mas sobretudo com o pensamento das pessoas com as quais estudamos teorias e teóricos; pensamento povoado, fragmentário mosaico de considerações que nos argamassam e nos distinguem.

Encontro com as forças que fazem argamassar na elaboração de comuns, artes interpretativas, os esforços de educação, de curso e programa, as práticas institucionais e as históricas, na confundibilidade entre a razão dos fatos e a razão das ficções que nos promove a poesia e sua ordenação das ações e coisas que já foram e nos proporcionam inteligibilidades comungadoras, jogos deleitosos — e sensuais — de saber, que ao gerarem coordenações de atos nos proporcionam a gastrologia do conhecimento.

Encontro com as forças que fazem distinguir, nos ofertando contraste e perspectiva, mistério, indecisão e convicção dos limites, intrínseca agnosia. Encontro com as vontades, sedes, desejos que nos conduzem ou escondem com as vontades, sedes e desejos de saciar os vazios, sem que para tal nos tornemos pretensas verdades do senso comum, escravos de falso preenchimento comercializado.

Uma assunção da inexorabilidade dos encontros...

Disse uma vez o poeta que a vida é a arte dos encontros. Mas não se esqueceu de dizer — como que adequando sua poética — que apesar dessa máxima frequentes são também os desencontros. O encontro parece ser um fenômeno de alta popularidade, em todos os tempos. Mesmo a incerteza geográfica de onde vieram nossos humanos ancestrais, ainda que menor do que a que tenta encerrar a perdição do elo perdido entre nossas espécies, não carrega dúvidas de que encontros houve, talvez partindo do extremo sul da África, talvez do extremo norte ou até mesmo da Europa, mas de todo modo enfrentando a beleza e a dor de lidar com o diferente, o outro.

Entre expandir e disseminar, explorar e se estabelecer para depois migrar e reencontrar, não paramos mais. Da chegada na Ásia Menor e sul Asiático nos arriscamo-nos pelas ilhas Diomedes no Estreito de Bering, para descortinar, de norte a sul, o mundo novo do Novo Mundo. Mundo esse que, mais tarde, foi redescoberto por quem tinha gana de mares (e de ouro e tesouro), pelo menos assim nos contou o homem “mais velho” do Velho Mundo. Que afinal não fizeram nada de novo, só fizeram tudo de novo o que todos, no mundo todo, andavam a fazer: Navegar, navegar.

O Barco!

Meu coração não aguenta
Tanta tormenta, alegria
Meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração
O porto, não!...

Navegar é preciso
Viver não é preciso...

O Barco!

Noite no teu, tão bonito
Sorriso solto perdido
Horizonte, madrugada

O riso, o arco da madrugada

O porto, nada!...

Navegar é preciso

Viver não é preciso

O Barco!

O automóvel brilhante

O trilho solto, o barulho

Do meu dente em tua veia

O sangue, o charco, barulho lento

O porto, silêncio!...

Navegar é preciso

Viver não é preciso... ¹

Chineses, vikings e polinésios, todos ao seu tempo-espaço navegaram. Mas ao nosso olhar e à nossa pele (vermelha), imemoráveis foram os ibéricos, como quem já indiciasse as primeiras sílabas de uma longa condenação, mais tarde cunhada com o termo glo-ba-li-za-ção. Que atravessem os oceanos, que colonizemos sem exceção, e a cada expansão um novo outro era descoberto, pra deliciar a corte de exotocidades. Esse misto de espanto e deslumbre ainda hoje é motivo de cosmopolitano espetáculo — o próprio desencontro, prestes a se tornar encontro, é em si algo carregado de mistério. Uma outra múmia descoberta, um outro esqueleto ancestral escavado, um fóssil vivo dos mares abissais do norte capturado, rudimentos de *Homo sapiens* encontrados numa geleira do ártico... fantástico. Fico a imaginar aquelas tribos indígenas numa remota aldeia localizada em algum canto da vasta floresta úmida e sombreada, amazônica, estranhamente anunciada por notificação institucional: “foi descoberta uma nova tribo de índios isoladas que nunca tiveram contato com o homem branco e que eram desconhecidos até então”.

Homem branco, homem vermelho, amarelo, preto... a própria nomenclatura já nos traz o

¹ Caetano Veloso, *Os argonautas*.

indício dos séculos, fio da meada de históricos (des)encontros, ruína de toda intenção conciliatória ou destruidora. Talvez por isso, pelo extremo dos encontros, é que tenham surgido disciplinas como a própria antropologia, um esforço intelectual de investigar o outro, outro este não-ocidental, não-branco, não-europeu, não-eu. Quem são estes que não sou eu? E desembarcamos com Malinowski² a saber de outros argonautas e sua cultura não ocidental. A noção linear do evolucionismo enxergaria ele como um civilizado em meio a selvagens tentando dizer a outros civilizados que os selvagens, por terem suas regras, sua coerência e sua lógica, deveriam ser entendidos a partir de sua própria construção cultural, ou seja, que os selvagens não eram selvagens, mas “civilizados” ao seu próprio tempero. A partir de um rigor descritivo quanto a seu método de trabalho em campo, Malinowski buscou decifrar conceitos e símbolos dos habitantes das ilhas Trobriand, inaugurando definitivamente a ferramenta que exercita “olhar o mundo do outro com os olhos do outro”: a etnografia.

Malinowski parece ter inaugurado mais do que isso: Juntamente com Franz Boas lançou a faísca do relativismo cultural e talvez tenha pré-anunciado o impacto que a ciência moderna receberia ao longo do século XX. O novo olhar da antropologia social nos dizia da importância de estudar a cultura de uma comunidade em sua totalidade, evitando os jargões “selvagens” e questionando a ideia evolutiva de cultura e o etnocentrismo. Novos parâmetros filosóficos seriam absorvidos pela antropologia, notadamente aqueles que Levi Strauss consolidaria pelo conjunto de sua obra.

Ainda assim, parece haver em Boas uma gradação entre os povos, em mais ou menos civilizados/primitivos. O que marca a civilização? Existe algo que nos universaliza, enquanto agrupamento humano? A tensão entre o universal e o relativo parece desafiar o pensamento que busca respeitar as diferenças ao mesmo tempo em que contempla alguma declaração universal, seja de direitos ou deveres. Qual alcance tem a ciência, em sua missão universalista? Curiosamente, mesmo o estruturalismo, alicerçado em um forte modelo científico que traduz a diversidade humana em regularidades, leis e padrões, fez-nos concluir, ambigualmente, que a ciência não necessariamente traduz um melhor conhecimento, ou que ela produza, a seu tempo, o ápice do que podemos conhecer; a ciência do “civilizado” não é melhor que a magia do “selvagem”.

2 Bronisław Malinowski, *Os argonautas do Pacífico Ocidental*.

Eric Wolf³ argumenta que a divisão funcional do trabalho entre os que cultivam e aqueles que detêm o poder estabelece o marco da civilização — para todas as sociedades, indistintamente? em todos os períodos da história? E quanto à ONU e o mundial pacto civilizatório? e o advento das redes mundiais, a internet como instrumento de consolidação da civilização, unificando todos? Observar o uso informal do termo “civilizado” não deixa dúvidas: sobram incertezas na tentativa de significá-lo. Até que ponto podemos estabelecer identidade de valores — mesmo que basais, ou tênues — econômicos, morais, religiosos? Sempre teremos uma impressão filtrada pelo que somos socialmente construídos? ou somos capazes de captar o “big picture” das coisas? Ainda que nascendo no mesmo seio cultural, encontramos ainda significativas diferenças entre os indivíduos...

Ainda assim, nesse navegar entre tantos outros além-nós, clamamos por portos seguros, intersecções que a todos nos toquem. E parece-me um alívio, como quem ancora em terra firme, ver ressoar o pensamento de Levi Strauss que diz “O espírito humano é sempre idêntico a si mesmo e predomina sobre o social e o histórico”, e que seja quem for, em qualquer rincão deste vasto mundo-raimundo “temos a mesma estrutura lógico-intelectual, que torna irrelevante a sua aparente diferença histórica”, uma lógica universal do intelecto humano...⁴

Da janela o mundo até parece o meu quintal
Viajar, no fundo, é ver que é igual
O drama que mora em cada um de nós
Descobrir no longe o que já estava em nossas mãos

Minha vida brasileira é uma vida universal
É o mesmo sonho, é o mesmo amor
Traduzido para tudo o que o humano for
Olhar o mundo é conhecer
Tudo o que eu já teria de saber

3 Eric Wolf, *Sociedades Camponesas*.

4 Danilo Albergaria, *Entre o universal e o relativo*.

Estrangeiro eu não vou ser
Ê, ê
Estrangeiro eu não vou ser
Eu não!
Cidadão do mundo eu sou ⁵

Mas o mar, bravio de sempre, a seu exemplo nos mostra que nem sempre o porto é seguro e acolhedor. A inegociabilidade da terra firme e a desqualificação da ideia de uma lógica universal feita em Estado representa, muitas vezes, a aniquilação de um ponto de vista, de um olhar. Refrão moderno e ocidental, supra ponto de vista que ganancia à (certa) universalidade excomungando dualismos; coloca a diferença em desconfiança enquanto articula xenofobias ao que é feito estranho e destoante, desalinhos a uma eleita política.

Se o Estado é sempre fato consumado, como torná-lo um ponto de vista e não “o” ponto de vista? desenraizar a terra, tornar maré sua firmeza, conjurá-la em ressaca tectônica. Uma terra atracada em vias de embarcação que se despede do cais, de um cais, pra facear vertigens; terra arquipelágica que inunda e é inundada, mar em continência, azul cor-de-terra.⁶



⁵ Milton Nascimento, *Janela para o mundo*.

⁶ No curta experimental de Rafael de Almeida, *Azul cor de terra*, o tema sustenta-se sobre alguns dos catastróficos impactos das mudanças climáticas, em destaque os maremotos e tsunamis que inundaram orlas e cidades. No entanto, conduzo o olhar para as nuances simbólicas que nutrem a miscigenação terra-mar onde a catástrofe é apenas a da representação...

O que se empresta da antropologia nessas linhas então é este caminhar/navegar pelas beiradas do sentido definidor do eu e da alteridade; é a constatação da existência de estelionatos fenomenológicos de povos e etnias, fios que nos tecem? Viveiros de Castro⁷ pensa uma conjuração-antecipação do Estado que rompa com a captura e a “sobrecodificação” cultural, uma insubmissão a qualquer forma de monarquia ontológica.

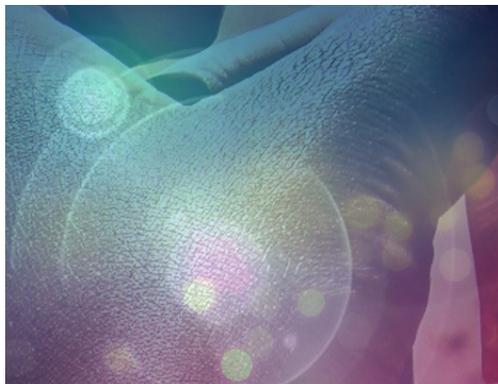
Terra-campo à deriva que ganha a multiplicidade de sentidos e plantares que a supervisão monocultural faz que não floresce. Se Viveiros de Castro pensa um perspectivismo ameríndio, do que seria capaz a ideia de uma ontologia campestre? que pudesse inundar os monolitos da cidade e igualmente promover a vertigem citadina, confluência lá e cá, enraizamento em urbanidade e plena malha campestre...

7 Eduardo Viveiros de Castro, *Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis*.

Campesinidade Transitória

Em particular, é o olhar pro mundo das pessoas do meio rural que a eles me conecta, agricultores e agricultoras que ao se organizarem expressam uma humanidade (um projeto civilizatório?) com força política que nos apresenta outra possibilidade de vir a ser. Em referência à época de meus próprios trabalhos em comunidades rurais, as intercessões que dali advieram promoveram substância aos projetos de extensão e pesquisa que aconteciam em muitos assentamentos paulistas. Neste universo, as saliências do imaginário hegemônico, dessa visão cristalizada do “evolucionismo campo-cidade” e das relações de poder e dominação são facilmente palpáveis, na suposição de que o campo estaria numa fase ainda a ser superada pela primazia moderna e civilizatória das cidades. No entanto, um olhar mais cuidadoso observa nuances que deixam em suspenso categorizações desta ordem.

Nesses trabalhos em assentamentos, o outro, para mim, era a campesinidade, o olhar campesino. Olhar caleidoscópico, sucessão vertiginosa, cambiante, de ações e sensações que preenche o imaginário e descoloniza:



Aquela plantação de frutas em nada se assemelha ao ordenamento padronizado dos laranjais de Limeira-SP, que são vistos até mesmo da rodovia Anhanguera, ou da uniformidade com que circunstanciam os bananais no Vale do Ribeira, divorciado de outras culturas. Não. Nem mesmo as goiabeiras enfileiradas de outros lotes do assentamento se comparavam àquele pomar. A começar pelo nome de batismo: pomar... Pomar não nos remete a apenas uma fruta, pensa-se logo em várias. E caminhar por ele não permitiria, tão cedo, que se nos achegasse a monotonia:

*eram muitas as surpresas num breve passeio. Tantas frutas, pés disso e daquilo, folhas finas, folhas vistosas, plantas estranhas ao olhar urbano. Jenipapo, caju, urucum, banana, acerola e mexerica compunham não só o quadro vivo da diversidade, mas a oferta de alimento para a família, o pai, a mãe, as filhas e genros, vizinhos e amigos, como também para os porcos, galinhas, cachorros, cavalo e para o bezerro que víamos correndo no pasto. O pomar remonta o uso amistoso da terra, nos referenciando a um quintal antigo que floresce em diversidade, cores, sabores e memórias.*⁸

A importância do contato direto em espaços desta (des)ordem oferece a chance de explorar e aprofundar diversos mecanismos de percepção que não são e nem podem ser proporcionados de outra maneira. A vivência comunitária, como nos assentamentos rurais, e o real contato com as pessoas do lugar viabilizam uma “existência” outra, neste caso uma existência campesina, mesmo que instável.

Meu encontro era de natureza cidade-campo; era o não-cidade, o não-asfalto, o não-metrópole; era o que produz e traz à mesa, o que pertence a outro cronos, que não os do semáforo, do apito da fábrica ou do ponteiro digital de um relógio de pulso, mas do tempo que pulsa o cio da terra, do som da semente que germina, da hora da colheita, do pão na mesa solidário do trabalho familiarizado.

Pela óptica da agroecologia estabelecia contato com as “dimensões” sociais e ambientais a serem consideradas... nada diferente de exprimir a importância de enxergar a totalidade (ou o que pudéssemos atingir na tentativa de buscá-la) e a imponderabilidade dos assentamentos rurais, a gerarem incômodo a um certo regime da razão científica. A querência parecia ser dali, e a vontade era incorporar, a pleno, “o esqueleto, a carne e o espírito”⁹ do lugar. Mas em tempo de produtividade exacerbada e da moderna razão instrumental, pouco tempo se reserva à maturação dos processos subjetivos e sua integração num corpus investigativo... Uma agroecologia que escapa.

Há ainda a reflexão de Malinowski sobre a concepção linguística e o “corpus cultural”,

8 Marcelo Vaz Pupo, *Construindo Caminhos na trilha da Agroecologia e Extensão Rural*.

9 Na elaboração metodológica de Malinowski, a sistematização de informações etnográficas passa pelos fatos concretos da estrutura social (esqueleto), pelo aspecto íntimo das relações da vida nativa (carne e sangue) e pela análise dos motivos que impulsionam o ser humano a legitimar e permanecer mergulhado onde e como vive, o grau de vitalidade dos costumes observados (espírito) – Bronislaw Malinowski, *Os argonautas do Pacífico Ocidental*.

que parecem ser algo como vivenciar, pela linguagem, o corpo (cultural) do outro, o “corpus inscriptionum”. Uma incursão de linguagem, enxergar as coisas do mundo, de um mundo, tendo a veste de outro óculo, nova lente; imersão no espaço comunitário a ser estudado e também em seu domínio linguístico. Certamente esse mergulho é mais contrastante quando a língua falada no local é outra, ainda assim o universo linguístico de quem vive na cidade é notadamente diferente de quem trabalha no campo. O tempo, portanto, de trabalho na comunidade infere diretamente na capacidade de ao menos dimensionarmos esse corpo cultural.

Em suma, o exercício acadêmico permitiu-me tatear um outro imaginário, um outro corpo de ideias e ideais. Outra simbologia emana do conjunto daqueles que fecundam a terra.

O olhar que se lança sobre as agriculturas populares acaba por enxergar o quê? reciprocidade? colaboração? arcaísmo? subversão? Acaba por se deparar com a herança tempo-espacial que nos reflete como um espelho suspeito — enxergar o outro é desvelar-me... E este fato parece conter a recriação da unidade básica da vida social que se constitui não por indivíduos, mas por um duplo, que só pode ser nomeada como “nós-eu”¹⁰. Esta visão parece indicar amplos horizontes, preenchidos da atmosfera que revigora o fôlego da existência humana, num desmergulho da realidade aparentemente imutável, chapada e lacrada.

Surge a pergunta “quem é o camponês?” pois soa-me como se perguntasse de mim mesmo, “quem é o camponês-eu?”. Esta personagem que re-existe como uma fértil imanência da terra; que vida ele-eu tem? que terra-território, material e imaterial, ele fia e desfia, como quem, ao semear o chão pro fruto colher, reinventa o gesto milenar? quem são estes seres que, fecundando a mãe-terra se tornam, sem perceber, guardadores de rebanho, sentinelas do amor?

Os elementos culturais que vejo preencher quem sou — apenas mais um cidadão de rurais raízes — entram em profusão pelo embate, que é também cultural, na questão agrária. Minha experiência, portanto, ressignificou não apenas o olhar para o outro, mas uma nova compreensão do que sou. Uma travessia que indica algum encontro no “em mim”.

I have crossed a thousand bridges

10 Ana Clara Torres Ribeiro, em *Outros territórios, outros mapas*, ao citar Norbert Elias nos lembra que o “nós-eu” se cria quando os gestos e sabores, de atos como a relação face-a-face, a co-presença, estimulam nossa memória coletiva.

In my search for something real
There are great suspension bridges
Made like spider webs of steel
There are tiny wooden trestles
And there are bridges made of stone
I have always been a stranger
And I've always been alone

There's a bridge to tomorrow
There's a bridge from the past
There's a bridge made of sorrow
That I pray will not last
There's a bridge made of colors
In the sky high above
And I think that there must be
Bridges made out of love



(...) When the bridge is between us
We'll have nothing to say
We will run through the sun light

And I'll meet her halfway
There's a bridge made of colors
In the sky high above
And I'm certain that somewhere
There's a bridge made of love

I can see her in the distance
On the river's other shore
And her hands reach out longing
As my own have done before
And I call across to tell her
Where I believe the bridge must lie
And I'll find it, yes I'll find it
If I search until I die¹¹

Travessia em território subjetivador, território molecular em face das diferenças que a outra margem sempre oferta; território ponte que faz facear intensidades e velocidades subjetivantes... Ponte que tende a alcançar uma terceira margem campesina e por isso situa duas instabilidades: a ligação que é sempre tendência a, meio de caminho, e território-destino camponês que se afirma movediço, amassado em dobra e desdobra.

O encontro se faz em ponte, na ponte, com ela. Fornece o deslocamento em diversidade, em diferença. Talvez seja isso que permita a emergência de um nós-eu ampliado, existir que difere. Alteridade camponesa transitória, terra arrastada na formação do que forma identidade.

11 Milton Nascimento, *Bridges* (versão em inglês de Travessia).

Identitas

Se existe uma irrefreável procura por algo real certamente não o encontraremos senão pela instabilidade do encontro com o outro. Mas o que desta alteridade camponesa, histórica ou contemporânea, atrai e faz gravitar sobre ela?

Polêmica e divergência em torno da definição conceitual de campesinato, agricultura familiar, pequena produção, são recorrentes nas linhas do pensamento social e antropológico. Tal indefinição serve-nos a pensar a flutuação identitária que dela decorre — ou em sua formulação quiasmática, não seria a identidade camponesa que transgredindo a fixação identitária geraria a indefinição conceitual ao passo que gera uma potência aproximativa?

Como poderíamos pensar essa relação que não se estabiliza, fugidia que é tanto no contato quanto na análise? Importa constatar a inoperância de alguns marcos conceituais ou limitações marcantes de linhagens acadêmicas quando faz-se objeto de pesquisa o campesinato. Capital, renda, trabalho, modos de produção, emprego de mão-de-obra familiar, condições ambientais da atividade agrícola... Como propor um entendimento da afetividade científica com o tema quando o conhecimento institucional, de onde parte esta redação, pouco converge?

Mais valeria destacar do conjunto dos estudos aqueles que dizem “sim”, que fazem gravitar o que pertence ao interstício do intelecto: os sabores da porção que sente, que se afeta diante o outro que interessa, estudo anarquista que se deixa levar pelo que pensa o campesinato, pois que ele mesmo anarquiza: personalidade desviante que escapa ao completo intercâmbio capitalista, insufla reciprocidades e age enguiçando a máquina que produz desnecessidades... Por instantes desmobiliza a feitura de “consumidevoradores” e abre respiros pra outras identidades.

A princípio vale lembrar uma compreensão em torno da configuração identitária e os elementos de subjetivação — “modulações metamorfoseantes num processo sem fim, que se administra dia a dia, incansavelmente”. Tribalizar e destribalizar, parece ser esse ritmo que acomete a nós alçados em *infomarés* globalizantes, “como se fôssemos todos *homeless*, sem o “em casa” de um sentimento de si, ou seja sem uma consciência subjetiva palpável — familiaridade de certas relações com o mundo, certos modos de ser, certos sentidos compartilhados, uma certa crença.”¹²

12 Suely Rolnik, *Subjetividade Antropofágica*.

Se não é verdade que a casa subjetiva desapareceu, é na mudança radical em seu princípio de construção que nos deslocamos, familiarizados ao modo antropofágico sintonizamos “as transfigurações no corpo, efeitos de novas conexões de fluxos”, pegamos a “nova onda dos acontecimentos que tais transfigurações desencadeiam,

desenvolver uma prática experimental de arranjos concretos de existência que encarnem estas mutações sensíveis; inventar novas possibilidades de vida. Tais operações dependem, por sua vez, do exercício de potências do corpo igualmente inativas na subjetividade contemporânea: expandir-se para além da representação, conquistar uma intimidade com o corpo como superfície vibrátil que detecta as ondas antes mesmo de eclodirem, aprender a pegar onda, forjar zonas de familiaridade no próprio movimento — ou seja, “navegar é preciso”, senão o destino será muito provavelmente o naufrágio. Um “em casa” feito de totalidades parciais, singulares, provisórias, flutuantes, em devir, que cada um (indivíduo ou grupo) constrói a partir dos fluxos que tocam o corpo e sua filtragem seletiva operada pelo desejo”¹³

Leio nas palavras de Suely Rolnik a transfiguração que percebo — subjetivado pelas lutas dos movimentos sociais do campo senti eu mesmo minha casa invadida, ocupada pelas possibilidades de vida que se inventavam ao decompor imobilismos pelo êxodo urbano promovido — escape, exílio-luta de um modo miserável de ser. Espaço refeito, muros abaixo, outra marquise levantada nessa casa ocupada que hoje acomoda à percepção das reivindicações socioambientais diferente distribuição demográfica nos territórios, outra relação rururbana.

Ainda assim, Rolnik atesta a predominância de um regime “em casa” identitário causada pela força do hábito, mas principalmente “por força do modo hegemônico de subjetivação no neoliberalismo mundial integrado, que precisa do regime identitário para funcionar e que mobiliza este hábito em nosso desejo, como dispositivo essencial para sua efetuação”¹⁴, sendo necessário, ainda que construindo e desconstruindo territórios existenciais, que esta subjetividade desterritorializada encarne identidades *prêt-à-porter*, requeridas para produção e consumo das tendências momentâneas do mercado.

Contudo, não me parece ser este o único vetor. Não estamos a “choramingar de saudade

13 Idem.

14 Ibidem.

da casa enraizada”. Entender assim as afirmações identitárias seria, por um lado, superestimar a aderência ao capitalismo integrado (O território brasileiro é ainda maior (significado) do que o ímpeto “civilizatório”) e, por outro, subestimar a consequência política que este “entrincheiramento” de grupos étnicos, raciais, religiosos, sexuais e de classe tem em propor impermeabilidades — não há cooptação quando é a propriedade privada que está em cheque na ação sem-terra. Ao menos o *establishment* ainda não soube reagir sem cassetetes, coturnadas e mesmo a supressão de vidas. As manifestações de maio de 2013 parecem corroborar essa hipótese, o Movimento Passe Livre (MPL) já sofre a violência policial desde a década de 90, e a reação frente às espoliações das terceirizadas do transporte público igualmente foram recebidas às bombas e balas de borracha¹⁵. Ali o atravessamento de classes persiste.

A vida metropolitana dos últimos 30 anos é permeada de fatores metamorfoseantes. Entre o fixo e o fluxo identitário parece haver uma ciclicidade e em cada polo há virtudes que correspondem à “filtragem seletiva operada pelo desejo” tanto quanto à maturidade política cabível. Por um posicionamento político vale o peso de uma marcação e uma fixação representativa? uma certa postulação? cristalizar uma verdade para que se desfaça... Por um esforço de não cooptação e resistência na minoridade vale a perspectiva deslocada, a aposta na potência falseante, a fabulação redentora que consagra o valor da adaptação?

A complexidade do tema expõe assuntos de relevância. Por um lado a flexibilização identitária leva-nos a uma “abrangência aproximativa”, que nos afeta frente a novas bandeiras e sentimentos, por outro a demarcação identitária, ainda que polêmica, faz surgir insurreições na ordem e rompe órbitas semânticas, estica horizontes, recobra uma memória que se efetiva no porvir, uma memória de futuro.

15 Roberto Leher, *Manifestações massivas no Brasil têm origem na esquerda*.



É neste cenário amalgamado, subjetividades *antropofagocitadas* que igualmente se dá a fusão de memórias latentes — a herdada, familiarmente retrilhada, e a de futuro que responde ao âmago do íntimo. O retrato¹⁶, pintado à tinta ou grafado à luz, dá a ver qual família? a que foi a que é ou a que virá? Entre enraizamentos e descolamentos, o que importa? resistir à fragmentação, ao apagamento do camponês que nos mora destituindo assim fecundo vínculo que une a cidade ao campo e fortalece a pegada ideológica que sintetiza a vida mercantilizada, mediada pelos aparatos industrialistas que coisificam o produtor e a produção rural e desmantela a intenção agrícola e/ou agroecologista?

Quanto do fixo e do fluxo deste “em casa” se relaciona com a idealização do mundo ou com sua reificação constante? Que postura ter diante da possibilidade de pensar e criar com o caos... estimular violações camponesas, fagulhas de transformação, que irrompem demarcações culturais? Qual estratégia pedagógica vale assumir para aventar estados de campesinidade provisória?

16 Após a montagem desta imagem curiosamente descobri que a fotografia de meu tataravô e tataravó – pais do pai de minha avó materna – e o quadro de Tarsila do Amaral, “Família”, datam do mesmo ano: 1928. A fotografia foi tirada na fazenda destes tataravós, que ficava próxima à Estação Movimento, da ferrovia Sul Mineira, entre as cidades de Varginha e Monte Belo, em Minas Gerais, e posteriormente foi inundada pela represa de Furnas.

Talhar sentidos

Casa invadida, casa ocupada. E inundados, temos que, necessariamente, fazer escolhas — também acadêmicas. Travessias, pensamentos, leituras, (re)encontros... Encharca-se nossa própria cristalização e permanência... Subverte-se (mixando nossas identidades) o tempo, o som, o pulso do que nos seduz e repulsa. Apropriamo-nos do caldeirão ditador de receitas científicas, mas ensaiamos experimentais temperos untando seu gélido metal com algum sumo d'arte... Pitadas de notas musicais excomungadas da convencional escala cromática — saboreando, no entanto, à larga colherada, cores refratadas de nosso alvo espectro, sem saber ao certo o que repousa em cada um de nós da colorida paleta, tantos devires...

É o audiovisual que incita dizeres e visibilidades na pesquisa, como artefato material no esforço de exprimir palavras, gestos, atitudes suscitados pelos conceitos e experimentos mergulhados... Quem mergulha no quê? Ele em nós ou nós neles? Quem-o-que inunda e o-que-quem é inundado? Movimentamo-nos pelo ritmo ou somos, em carne e osso, o próprio? E a inundaçãõ permanece sem nos darmos conta... fingida imperceptibilidade em forma de tñue goteira... Até que se faça dilúvio, in-ventamos velas e jangadas-salva-nos-da-morte para persistir em vida.

Junto a tantos intercessores criamos e somos recriados em ideias e identidades, inúmeros pontos, esses foram os pontos, que *pixelados* em tela vão formando o tecido de nossa compreensão — e também a moldura do vídeo. Repetiçãõ discernível entre quem éramos antes e quem nos vamo fazendo. É o movimento de retraçãõ e expansãõ que choca os sentidos, e em seu respiro faz-se escrita, donde habita condensado um pouco do que somos/estamos.

Uma inversãõ despercebida, olhares que nos veem, imagem que nos observa. Uma cumplicidade que crê no *vagarim* da *aparecência* do duplo da imagem, imagem subjetivando permissividades na trincheira das consciências.

Se proponho talhar sentido político-estético à experiênciã vivida, permito desagues sensíveis que em algum momento da travessia conduziram-me ao projeto e seu feito no programa de Mestrado em Divulgaçãõ Científica e Cultural. Abalos identitários, devires múltiplos, anarquias ontológicas, embates de classe, entrincheiramentos políticos... sob tantas

vertentes de interlocução trata-se de estabelecer um plano de criação que possa ser de interesse às articulações da divulgação, da educação. Expressar por este plano as singularidades do caos camponês que ainda não se efetuaram, considerar o campesinato uma realidade múltipla que possa nos servir de extração e atualização de individualidades que renovem sua potência de transitoriedade, sua capacidade de sempre fuga dos aparelhos de captura e cooptação.

Do que existe o que pode ainda existir? Essa talvez seja uma questão orientadora, que nos leva a sintetizar o que entendemos do que já existe, o que do já efetuado nos pertence em consciência e reflexão? e posteriormente tencionar os elementos que valem fazer distinção, fazer diferir e desdiferenciar, no risco desejado de que outros elementos deste processo surjam e realmente o ciclo que produz a possibilidade do novo, contínua militância do refazer.

Percepção (d)e ciência

“Cidades imaginárias, o Brasil é menos urbano do que se calcula”¹⁷. Este título traz duas significações, uma de ordem subjetiva em que se verifica o imaginário rural eclipsado pelo urbano, e outro de ordem político-econômica que faz pensar o modelo de desenvolvimento que direciona as políticas públicas e as reproduções culturais. De todo modo traz para o debate este espaço nulificado resultante do encontro entre urbano e rural, este rururbano unilateralmente destituído de visibilidade culturalizante. O “entre” que hibridiza o urbano e estica seu horizonte (mental) deve ser re-conceitualizado? devemos abrir a ele espaço político (estético?) para localização dos sentidos culturais hoje marginalizados ainda que potentes e desestabilizar o torpor que envolve o consentimento em torno da noção de cidade?

O processo histórico testemunhado pela era moderna parece reunir símbolos e significações que moldam inteligibilidades estruturantes do entendimento dicotômico entre cidade e campo, em detrimento deste, um envelamento de percepções que alheia a interdependência existencial desta relação. A “ficcionalidade” própria desta era (estética), nos diz Jacques Rancière, “se desdobra entre a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos e dos níveis de significação”¹⁸. Um problema-pesquisa vai se delineando: como pensar dispositivos imagéticos, pedagogias culturais na reformulação político-subjetiva que compreende e apreende a relação campo-cidade?

Há que constituir-se um novo ciclo de pensamento político, de outro universo de ideias que dê forma a este ciclo, uma mudança dos “significados, categorias, conceitos e discursos através dos quais a realidade adquire sentido e pode ser nomeada”. “A transformação do campo semântico” é parte integral dessa mudança. Os sentidos e conceitos, “ao constranger e limitar a esfera do possível, ao permitir ou impedir que certas coisas sejam pensadas, são parte central de qualquer projeto político de transformação social”¹⁹.

O diálogo com as manifestações de 2013 permanece: o direito à cidade, direito à mobilidade urbana passaria a ser rururbana? O acesso ao significado das redes agroalimentares

17 José Eli da Veiga. Mesmo a matemática (e fundamentalmente?) é sociocultural... algumas considerações a mais e outros valores contemporâneos nos retratam diferente Brasil, algo em torno de 60/40 na relação urbano/rural.

18 *A partilha do sensível*.

19 Tomás Tadeu Silva, *O projeto educacional da nova direita e a retórica da qualidade total*.

que alicerça a urbe pode ser uma reivindicação do direito à “cidade”? Que sentidos, ainda que no “subterrâneo” cultural, transitam pra cá (urbe) e pra lá (ruris)? É pioneira então a ação dos sem-terra, que oferece à distopia da existência periférica nas cidades a aproximação junto aos desvalidos da terra, num coágulo de resistência política frente a todo sangue da disputa fundiária derramado, efetivando o “sentido de democracia que excede os limites tradicionalmente atribuídos ao estado de direito”²⁰, na dialética que demanda da potência criativa reinvenções, dinamismos transgressores que ampliam a noção de democracia e portanto de realidade.

Há um certo debate que circula em meios acadêmicos, mas não só, trazendo a ideia de “crise contemporânea”, ou “crise civilizatória”. É evidente que as questões ambientais são disparadoras de diversas análises que culminam nestes termos, porém mais abrangentes são as argumentações que procuram esclarecer que as mazelas humanas têm, no sistema capitalista, sua mais evidente causa, notadamente pela sua necessidade intrínseca de estabelecer misérias — sociais, econômicas, culturais, subjetivas.

A que mais me intriga, no entanto, são as palavras que procuram dissecar e relacionar aos efeitos interpretados pelo termo “crise” a ausência de um legítimo regime perceptivo da “realidade”, das relações “complexas” dos atores e suas redes no emaranhado de coisas e existências que o ser humano é capaz de inventar em sua ação no planeta.

Diversos produtos culturais caminham neste sentido, desde os mais *pop's* como os filmes “Avatar”, “Matrix”, ou mesmo aqueles que se encontram no pensamento científico (e que não por isso deixam de ser um produto de nossa cultura) — lembremos de Fritjof Capra e seu livro-filme “Ponto de Mutação” (The Turning Point), a “Árvore do Conhecimento” de Humberto Maturana, ou então os diversos enfoques que os filósofos desenvolvem para pensar vida e existência, ou até o talvez mais debatido neste meio — “A Estrutura das Revoluções Científicas”, de Thomas Kuhn.

A agroecologia encontra-se também nesse círculo de raciocínio, epistemologicamente ela se propõe a refletir o atual paradigma científico questionando o positivismo, o modo cartesiano de pensar e agir no mundo e, neste caso, de conceber a produção agrícola²¹.

Foi movido pelo contato com estas ideias que permaneci estudando, atuando e elegendo como “parceira acadêmica” a agroecologia, e em seus contrastes e contradições, inerente a

20 Vladimir Safatle, *Fórum Senado Brasil*.

21 João Carlos Costa Gomes e Marcos Borba, *Limites e Possibilidades da Agroecologia como Base para Sociedades Sustentáveis*.

qualquer processo que mobiliza gentes e coisas, desloquei o olhar de pesquisador para enxergá-la. Ou ainda, cego frente às significações que ela, articulada, gera nos espaços que frequento, desloquei-me institucionalmente para tateá-la sob outras dobras e perspectivas e encontrei no mestrado em Divulgação Científica e Cultural espaço para estudar a campesinidade que nos habita e as movimentações cidade-campo sob o aspecto das imagens: embeber agroecologia em divulgação, avessar campesinato em contemporaneidade cultural, resistir política em sensibilidade, tencionar significado em movimentação, dissociar imagem da frase, comunicar dessintonias...

Entre massacres e aniquilamentos (pessoas, dizeres, memórias) a opressão no campo reedita a intacta capitania e defere a morte hereditária. Eldorado, Corumbiara, Carajás... que espécie de herança nos deixa a morte dita severina? Conflito agrário, cruz ao campo, imenso latifúndio acolhedor: especulação, concentração, modernização — sim, claro, o progresso. Tumulto que não se circunscreve à escritura do hectare em disputa. Símbolos vêm à cena na disputa do território tão concreto quanto imaterial: fato distinto cada qual com seu fruto, signo e código, por vezes próprios, linguagens ímpares que o idioma corrente, acadêmico ou popular, mostra imiscível capital e soberania, commodities e segurança alimentar, monocultura e resiliência, latifúndio e dignidade humana. A terra ocupada prolifera vozes dissonantes que reverbera no editorial da página dois, em transmissão televisiva, em discurso inflamado, na vida que se assenta e no prato que nos chega à mesa... por fim, reconfigura o universo possível e o mapa do sensível²².

Algumas perguntas desaterram-se: uma delas, “O que a severina voz tem a nos dizer?”, talvez seja a mais motivadora e nos faz deparar com as desavenças e hostilidades entre aqueles que ao redor da cova (a de palmo medida) se anelam, há séculos. Esta outra, “O que transmite o som desta voz, sua mensagem e sua visão de mundo?”, nos direciona a atentarmos para os mediadores e atravessadores das mensagens que podem traduzir os códigos em jogo — argumentações, ficcionalidades, perspectivas, possibilidades, recriação.

Lidar com este tema teria mais similaridade com o resgate de velhos e dolorosos momentos caso sua repercussão não implicasse na própria perpetuação deles. A atualidade atroz

²² Em *A Partilha do Sensível* Jacques Rancière traz que “a política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo”.

dos fatos recobra-nos vivificar os significados postos na mesa²³. São estes jogos de significados que, na compreensão dos estudos culturais, traduzem o conceito de cultura, enfatizando sua importância na estrutura e organização das sociedades e as relações de poder nesse contexto²⁴. Nesse sentido a pesquisa em curso entende que a cultura dos povos do campo representa e partilha a estratégia de resistência de modos particulares (e não totalitários) de conceber a vida e o mundo.

Esta partilha tem sido vital na formulação de estudo e nas abordagens acadêmicas, tornando essa prática científica historicamente situada em interação com o mundo que a rodeia. O que podemos esperar deste íntimo entrelaçamento entre mundo e ciência? Coevolução no processo de síntese e gestão do conhecimento? confluências, interferências, ou a encarcerada indissociabilidade?

Tão longe e tão perto: se as práticas científicas situam-se num contexto histórico, mundanamente influenciadas por quem as faz, este “mundo” e sua multiplicidade a desconhece tanto quanto a prática científica esquiva-se dele: Mero ranço político fruto da abissal divisão de classes? Simples ruptura política da produção acadêmica que adota o discurso único em detrimento do que nos tem a oferecer as minorias? Cultura científica entorpecida pela aniquilação do sentido dos sentidos? inércia? depressão? influxo popular?

Como estabelecer uma estratégia investigativa arreado de armadilhas como essas, sem ulcerar diante de uma ciência alérgica às formas, às aparências, a todas essas coisas sensíveis que ela tende a desprezar, pelo motivo de que elas não podem reduzir-se a uma intelectualidade pura?²⁵ Uma ciência sem um caráter rizomático, em termos deleuzianos, parece incapaz de respeitar o caráter público das universidades públicas, fazendo destas cúmplices ferozes do império mercadológico mundial que lamina e nega o que somos, que desconstitui nossa maneira de pensar e existir em nossos territórios; que desalinha-nos a sabedoria de viver integralmente e integrados aos sistemas sociais e naturais que remontam às nossas origens, desagregando-nos:

23 *Manifesto Contra a Violência e a Morte no Campo Brasileiro*. "Os cinco assassinatos ocorridos em sequência nas últimas semanas (...) atestam que o inadmissível continua acontecendo no Brasil". Este é um trecho do manifesto, escrito em junho de 2011 por ocasião da morte, entre outras, de Maria do Espírito Santo da Silva, pedagoga formada pelo Programa de Educação na Reforma Agrária.

24 Stuart Hall, *Representation*.

25 A supervalorização da razão é tema para João Francisco Duarte Jr., em *O sentido dos sentidos, a educação (do) sensível*. Neste trabalho ele critica o desprezo da dimensão sensível humana como uma forma de saber por parte da "inteligentsia" ao longo desses séculos, e propõem uma educação (do) sensível.

árvore sem frutos, soja sem grão, planeta sem atmosfera, ar sem pulmão.

Ignorar o que está em jogo no contínuo desenvolvimento das práticas científicas é uma posição política que joga no risco de fortalecer a brutalidade nas relações entre conhecimento, poder e cultura — ainda negamos que a subjetividade e os ideais dos pesquisadores aparecem em seus produtos?²⁶

Sentidos, poderes, conhecimentos; exercícios políticos, fomento, produção científica... reagentes e catalizadores do imenso metabolismo social que corporifica instituições, estabelece regras (formais ou não) para os fluxos circulatórios de gentes e coisas, nutridos pelos interstícios econômicos, artísticos, políticos e poéticos, que agregam-se em territórios existenciais com mais ou menos organicidade, mais ou menos harmônicos, em estados provisórios, latentes, sempre em (des)equilíbrio dinâmico.

É justamente pela possibilidade concreta que nos oferece o dinamismo político das instituições que se abrem os espaços de disputa cabíveis, onde surgem os germens que resistem ao fluxo massivo do produtivismo industrial, ainda que sujeita às mesmas regras, uma academia que não se esquadrinha simplesmente pela régua da quantidade e persiste em ser lócus insubmisso às ordens generalizantes.

É neste “arremedo de estamparias” que se elegem algumas categorias conceituais, algumas forças-que-formam pensamento para discorrer sobre a movimentação cidade-campo. Se o preço desse arremedo é facear frontalmente o imaginário ocidental, aceitemos o desafio tal qual Bruno Latour²⁷ se lançou:

Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem.

26 Joseph Rouse, em *Cultural Studies of Science*, nos mostra que para os estudos culturais das ciências a ênfase é dada no entendimento de que as práticas científicas são historicamente situadas, em padrões significativos de interação com o mundo.

27 *Jamais fomos modernos*.

Optando por este caminho analítico, assumimos que o tema da questão agrária pode ser ricamente estudado quando a análise crítica se pauta em suas dimensões culturais, em seus “processos” ou “redes” que tecem essa questão, no exercício acadêmico de gerar conversações entre retóricas, políticas e epistemes; Que as atividades sociais relacionadas com o ato de ocupar e socializar a terra para produzir alimentos (e com o ato de impedir este ato), ao requererem seu próprio universo distinto de significados e práticas nos fornecem pistas valiosas tanto para compreender os agenciamentos expostos e os produtos culturais à isso relacionado quanto para subsidiar a produção de outros sentidos, em articulações que tenham interesse à Divulgação de Ciência e Cultura e à Educação.

É neste cenário teórico-metodológico que produzo olhares sobre a movimentação cidade-campo a partir de pesquisa e vivência junto a algumas expressões agrícolas e camponesas do Estado de São Paulo, em sua maioria assentamentos da reforma agrária. Entrecortando o debate modernidade/pós-modernidade reafirmo a conceituação de cultura na relação entre significados e sentidos partilhados na sociedade para tencionar identidades e valores no entrelaçamento do mundo rural com o ideário moderno, sentidos camponeses e crise civilizatória.

A Agroecologia motiva/anima este cenário investigativo e o retroalimenta, desde seus princípios conceituais, politizando a produção de conhecimento acadêmico ao reposicionar os atores envolvidos (entrosada às concepções dos estudos culturais da ciência); na relação dialética da localidade com a globalidade referente aos agroecossistemas e à inscrição cultural dos povos do campo, que ao forjarem neles intimidades seculares agenciam princípios agrícolas que restabelecem virtudes como resiliência ecológica e capacidade de prover segurança alimentar. Está em curso uma série de fenômenos envolvendo a cultura dos povos do campo, da floresta, povos indígenas, ribeirinhos e camponeses, que se adaptam à conjuntura do presente criando estratégias de re-existência em direção ao futuro.

A legitimação pública crescente destes agenciamentos tem implicado sério constrangimento ao conhecimento institucionalizado, às postulações da ideologia agronegociante, às normatizações de Estado, ao conjunto de símbolos e códigos que, massificado pelos espaços produtores de sentidos, traduzem o discurso único e a “monoculturalização” industrialista-consumista. Deslocam-se os territórios subjetivos e existenciais, abrem-se fissuras e

feridas identitárias, despertam-se minoridades constitutivas dormentes e potentes.

Há no entanto uma clara imperceptibilidade social acerca destes vetores culturais — produzidos como ausência pelas representações culturais circulantes²⁸. Mas se nos for permitido ampliar o espectro do que se apresenta no conjunto do que é “real”, aí encontraremos, ao menos, maior diversidade e possibilidades do existir. Isso nos inspira a refletir sobre os “despertares” para outras formas do fazer acontecer.

Esta pesquisa olha este fato e pretende dissertar sobre elementos que podem contribuir à intenção de transformar esta ausência em presença; sobre os significados que podem assumir essa expansão do presente e de mundos na valorização da experiência social em curso representada pelas expressões agrícolas. Que plataformas de divulgação de ciência e cultura esse debate poderia gerar? Essas plataformas interessariam à educação do campo e às políticas públicas voltadas a transição agroecológica? Que imagens e sentidos podem ser partilhados, qual política permearia sua estética? Poderia ela evitar, a exemplo dos pacotes agroquímicos, arbitrariedade e pronta imposição, pré-definidora e por isso esterilizante de emancipatórios processos pedagógicos?

Na tradição dos estudos culturais há o interesse por elementos de história, cultura e poder relacionados, assim como os valores e sentidos vividos, os modos pelos quais os grupos sociais definem as condições em que vivem e as experiências que partilham, ou seja, trata-se das representações que fazem dos acontecimentos.

O estudo das representações culturais parece essencial aos estudos culturais pois são elas que produzem e intercambiam significados entre as pessoas. A forma como a questão agrária é exposta — nas ocupações, nas marchas, nas místicas, assim como na repressão, no assassinio, no silêncio — cria significados que servem de alimento para a formação de nossa identidade. O que aqui está sugerido é que a identidade emerge, em parte, dos conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura, e pelo nosso desejo (consciente ou não) de responder aos apelos feitos por esses significados²⁹.

No estabelecimento de novos conhecimentos em divulgação científica e cultural, é

28 Boaventura de Sousa Santos, *Por Uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências*. Boaventura propõe "expandir o presente" para valorizar a experiência social que está em curso no mundo de hoje, evitando assim seu desperdício. O objetivo desta "ampliação do mundo" é transformar as ausências - que são produzidas como tal - em presenças.

29 Stuart Hall, *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*.

primordial esta reflexão sobre os elementos que poderiam gerar e moldar outras representações, novos significados, inovadoras partilhas. Como a imagem, no pensamento da atualidade, se relaciona com as significações circulantes? Nos discursos e “frases culturais” em que a imagem é instrumento, que papel cumpre na relação entre fixar uma representação ou fazer fluuá-la?

Em nosso tema, que “domínio simbólico” — significações, visões de mundo — nos acometem ao olharmos para os camponeses e suas movimentações? O que o “retorno à terra” em nós invoca? A decomposição do áspero asfalto que nos recobre, o sepultamento da urbanidade exclusivista, a ressurreição de um velho ente... é a ausência do concreto que provoca? As “posições de sujeito” que são produzidas nesta trama cultural e seus discursos parecem portadoras de significativo potencial provocador, a ver pela reação de algumas estruturas sociais e pelo abalo no sistema de crenças e valores produzidos pelas forças de controle social. Se a ideologia, nos estudos culturais, pode ser entendida enquanto “provedora de estruturas de entendimento através das quais as pessoas interpretam e dão sentido para as condições materiais nas quais elas próprias se encontram”³⁰, é então no embate discursivo que podemos localizar a formulação ideológica que faz emergir ou que rechaça nossa identificação com os atores sociais do campo.

Ferramentas conceituais surgem para correlacionar cultura, jogos de ideias e sentidos presentes num grupo social com ideologia e poder — as noções que legitimam os corpos ideológicos são retiradas dos sentidos partilhados, dos símbolos e significações que são produzidas pela linguagem, pelo discurso: do caldo cultural de uma sociedade³¹. É pela linguagem que as ideologias ganham força e influência; ela não é mera relatora do “real”, ela cria-o. O antagonismo agronegócio/agricultura camponesa não decepciona a afirmação pois por ele atravessa, cotidianamente, a insistente ideia de que a vida rural é “atrasada” e desaparecerá como resultado da primazia tecnocrata, disseminando axiomas que opõe a cultura do campo ao “avançado”, ao “futuro” e ao “civilizado”, qualificando-a tal qual um retrocesso à implementação (tardia) da modernidade no campo.

Influente produções discursivas, portanto, vêm estabelecendo um imaginário tanto do que vem a ser a proposta dos movimentos sociais quanto do que seria a (recauchutada)

30 Stuart Hall, *Cultural studies: Two paradigms*.

31 Eric Wolf, *Cultura, Ideologia, Poder e o Futuro da Antropologia*.

modernidade no campo a partir das recentes tecnologias agrícolas — um acirramento das diretrizes da chamada “Revolução Verde”, ocorrida em meados do século XX: intensa mecanização, eficiência laboral, agrotóxicos, e mais recentemente a biotecnologia³². São através destes delineamentos que particulares interesses amplificam e dão visibilidade à ideia que vincula progresso (hoje também no discurso da sustentabilidade) à agricultura industrial, forjando posicionamentos, subjetividades e identidades que apoiem um específico “corpus simbólico” embebido num projeto político/ideológico centralizador, despótico.

Precisamente a respeito deste “mito da modernidade”, construído também a partir das discursividades midiáticas, é que parece se sustentar uma das mais fortes contra-molas no debate da reocupação do campo e reversão do inchaço das cidades. Como breve exemplo, a peça publicitária³³ feita em parceria das empresas de sementes transgênicas Dekalb e Monsanto vincula a passagem do tempo com a evolução da tecnologia.



A inexorabilidade do tempo é inferida para um tipo particular de tecnologia em duas passagens nesta propaganda. A primeira naturaliza a tecnologia de bens materiais da vida privada no cotidiano da casa deste suposto fazendeiro sulino (algo entre a fronteira Brasil, Argentina, Uruguai) — a menção ao chimarrão é o único item da casa que faz alguma referência cultural ao público alvo da empresa, o restante da casa é completamente “pasteurizado” pelo ideal consumista que adquire aparatos que se tornam descartáveis por uma obsolescência estética — sofá, fogão, micro-ondas, porta-retratos, geladeira, carro, casa, etc — não há mais nenhum vestígio de uma suposta cultura sulina que possa ser apreendido por quem assiste ao vídeo.

A segunda passagem é a identificação deste ideal com a empresa e o produto que está

32 Paulo Petersen, *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*.

33 A publicidade corporativa pode ser vista no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=2k-A11jU0cU>. Assim como filmes e programas de televisão, este reclame nos deixa ver e entrever mensagens existenciais. As imagens são também mensagens. Neste sentido, não é difícil relacionar os conteúdos das mídias imagéticas com o "catecismo de consumo" que sacraliza o mercado.

sendo oferecido: “Escolha mais.” é a frase final da peça, que, colocada após as imagens que trocam objetos “arcaicos” por “novos” pode ser interpretada com a mesma inexorabilidade temporal, o milho transgênico é a consequência “natural” do milho convencional, a transgenia equivale à mudança de roupa de um brinquedo; o milho *mgr2* tal qual qualquer outro dispositivo transforma e subjetiva o próprio fazendeiro.

Para os Estudos Culturais os meios de comunicação de massa são também agentes da reprodução social — criam também sentidos e significados, e ao fazê-los, produzem cultura, constituem fatos³⁴. Que hipóteses podemos propor quando a circulação de significados nestes meios está restrita, tal qual um imenso gargalo, a um oligopólio de opiniões? Estratégias teriam de ser debatidas e moldadas no intuito de fazer proliferar outro fluxo de representações culturais.

Certamente a tarefa não parece simples ao imaginarmos o que seria uma difusão mais democrática das expressões discursivas relevantes que há na sociedade; o que sabemos, no entanto, é que a atual concentração na difusão de significados tem gerado uma falsa sensação de homogeneidade cultural — dia-a-dia acessamos os mesmos discursos, desperdiçam-se continuamente forças criativas, dissemina-se o terror consumista e o medo do que seria uma vida não centrada no consumo.

Inevitável é ouvir as vozes do poderio vigente neste movimento, que suprime vidas na tentativa de extinguir ideias, sem amargar um gosto de negação do que somos. Em *Sociedades Camponesas* Eric Wolf argumenta que quando inovações tecnológicas são socialmente incorporadas cria-se a existência de uma “solicitação cultural”, pois elas passam a significar mais do que simples meios de obtenção de algo: transformam-se num comprometimento diante do qual o ser humano deverá desdobrar-se para obter. Mas aqui emerge o esboço de um dilema, que só pode ser desfeito pelo diálogo entre cultura e poder. Não é factível que os movimentos do campo possam receber o rótulo de “anti-tecnológicos”, mas parece certo que enfrentem algumas solicitações culturais da modernidade, a saber aquelas que são instrumento de dominação e exclusão do capital. Tratar a tecnologia (e a produção de conhecimento que as concebe) como se fosse produto desprovido de intencionalidades, politicamente neutro, seria um equívoco. Muitas das solicitações culturais da modernidade podem ser categorizadas de “fetiches” tecnológicos, que portam consigo fortes indícios de um projeto de sociedade. Nas palavras de Wolf sobre a

34 Ana Escosteguy, *Uma Introdução aos Estudos Culturais*.

cultura, fazem parte de “uma série de processos que respondem a determinantes identificáveis”³⁵.

A promessa fetichizada da tecnologia reúne força capaz de produzir uma negação cultural do que somos. Futuros inevitáveis, próximo passo evolutivo do Homem... expressões transhumanistas que enfeitiçam tanto quanto assombram. O discurso high-tecnológico parece ser eficiente o bastante para reunir marcas, símbolos e emblemas do plano geral da cultura que lhe são mais adequados, e nos convencer que o futuro caminha para onde ele aponta. Mais do que isso. A tecno-ciência vem sendo “deusificada” na disputa pelo sentido da vida e pelo real — coroa-se como a moderna substituta da religião, adequada a realidades conturbadas e desencantadas³⁶. Nesse sentido, talvez não seja mera coincidência ouvir as palavras de Ray Kurzweil³⁷ que são, para além de fabulosas e fantásticas, desencantadas mensageiras de uma sensação profunda de medo, abandono e solidão. Mesmo toda a potência representada pela bandeira que carrega, a singularidade, é francamente incapaz de remediar as lesões de seu próprio sentimento.

O fundamentalismo tecnocientífico além de não aquecer a alma carregada de calafrios afirma pretensiosamente ser desprovido de qualquer moralidade, fingindo esquecer que se ausentar de posicionamentos políticos (éticos e morais) pode ser o mesmo que aceitar em convivência tenebrosos abusos. A questão é que de fato a ciência cria novas formas simbólicas e oferece “mapas da realidade social problemática e matrizes para a criação de uma consciência coletiva”³⁸. Não se trata aqui de requestrar moralismos religiosos igualmente perniciosos à construção de um senso de humanidade mais digno, mas de reconhecer que os mapas da realidade social e esta consciência coletiva modelados por uma vertente de ciência têm sérias limitações éticas e morais.

Ditados pela razão-pura, tornamos hábito o distanciamento com nosso ser biológico. Condenamos ao esquecimento o fato de que o humano é justo aquilo que se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. Estamos “antolhados” pela máxima de que o que

35 Eric Wolf, *Sociedades Camponesas*.

36 Como nos recorda Adam Kuper sobre pensamento de Clifford Geertz, em *Cultura, a Visão dos Antropólogos*: para ele a ciência, epítome da ideologia, seria uma forma de religião adequada a estes momentos de crise da modernidade.

37 Barry Ptolemy, *Transcendent Man*.

38 À estas palavras de Geertz é possível direta associação com o pensamento de Jaques Rancière, em *A partilha do sensível*: “os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real, (...) traçam mapas do visível, modos do fazer e modos do dizer”.

caracteriza o humano é a razão, e cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. No entanto, se pensarmos as emoções e seus conjuntos como “disposições corporais que especificam domínios de ação”, podemos concluir que não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato³⁹.

A moderna tecnociência tem nos apresentado modos de vida humanos individuais e coletivos que evoluem no sentido de uma progressiva deterioração⁴⁰. Pautados nessa “razão-pura”, nossa forma de produzir conhecimento e propor soluções nos “achata”, pois se baseia em sistemas de valor “unidimensionalizantes”. Não legitimamos (e desperdiçamos) o conhecimento de inúmeras culturas tradicionais.

No entanto, quais são os domínios que fundam as ações humanizadoras?

Se a reincidência humana está permeada dessas características, podemos constatar em nossas interações recorrentes a existência de domínios de ações que fazem do outro um legítimo outro na convivência, de forma a ampliá-la e estabilizá-la. De fato, observamos pelo globo a criatividade em ação em diversas comunidades humanas, burilando hábitos culturais que expressam infindáveis formas de convivência na partilha e na colaboração. Porém, há também um aniquilamento dos agenciadores que permitem, ao conjunto da sociedade, saber e “saborear” estas expressões humanas — cegos, surdos e distantes de qualquer contato com elas. A esta anestesia geral minimalizante que nos atinge são necessárias outras poéticas políticas, que, ao promoverem a reabilitação dos sentidos que nos colocam em contato com o mundo, criam uma razão mais ampla e nos possibilita conhecimentos e saberes mais abrangentes, uma razão que enxergue os entrelaçamentos cotidianos que constituem o viver humano. Novos discernimentos podem ser estimulados, nos ajudando a compreender a temporalidade dos fatos e a varar a aparente unidimensionalidade deste período para atingir o ontem, reconhecer o hoje e inventar o amanhã.

Inexorável, pois, parece ser muito mais o encontro em direção ao mistério que nos une,

39 Humberto Maturana, em *Emoções e linguagem na educação e na política*, dissecou nossa racionalidade e nos apresenta os perigos de educar para competir no mercado. Seu trabalho aponta para o problema da negação do outro enquanto regra básica na sociedade capitalista. Para Maturana o processo evolutivo do ser humano se estabelece na legitimação do outro na convivência, e que, portanto, não há relação social que se fundamente na “sadia competição”.

40 Tanto Ana Ribeiro, em *Outros territórios, outros mapas*, quanto Félix Guattari, em *As três ecologias*, trazem a idéia de “fragmentação” e “laminação” para debater alienação do território e dominação cultural pelo mercado, respectivamente.

através do eterno encontro com o outro, do que um futuro a ser maquinado pelo medo da morte; a travessia pelos tantos “estreitos” (como o de Bering) entre o relativismo absoluto e sem base agregadora e uma imposição etnocêntrica e unilateral. O que é desenvolvimento e como os discursos (hegemônicos ou não) que o define se relacionam a uma noção etnocêntrica de mundo? Se há uma inegável distinção do avanço técnico entre Europa e África⁴¹, por exemplo, é igualmente necessário ponderarmos os percursos das apropriações históricas pelo choque dos encontros e pelo coturno da dominação, ou até mesmo aprofundar o debate filosófico do que vem a ser a “riqueza” e o progresso de um povo, de uma nação ou até mesmo de toda a humanidade — uma nação rica é uma nação sem ricos...

Seremos capazes de congregar e confraternizar (e consentir) o que existe na cumulatividade das culturas humanas? Onde se localizam os espaços políticos e onde repousam as forças instrumentais para engendrar este esforço? Tecnicamente a cultura digital nos serve como instrumento de diálogo e troca, mas como em qualquer outra dimensão do humano também é um universo em disputa, uma ferramenta que nos aproxima fraternamente e/ou um aparato do “search and destroy” — literalmente por alguma força militar ou simbolicamente pelas corporações na sua busca por mercados mais amplos em sua sede por moldar “exércitos” consumidores prontos a atender às ofertas do dia.

No estudo das epistemologias em jogo entre a agroecologia e o agronegócio, Canrobert Costa Neto aponta que é na essência (ou dimensão territorial, em suas palavras) sociocultural que podemos discernir uma expressão política da outra. Ao contrário do agronegócio, para a agroecologia existe uma clara “relevância dos saberes locais para a geração e valorização do conhecimento sob inspiração e controle das populações locais, assim como a procura por redes de escoamento da produção alternativas à lógica da produção como mercadoria”⁴².

Nascida academicamente do esforço de superar os problemas advindos da industrialização da agricultura, a agroecologia igualmente enfrenta o desafio universal x relativo, nesse gume entre a apropriação do conhecimento para uso como instrumento de dominação ou a partilha da informação como instrumento de confraternização entre os povos. “Não há ecossistema global”,

41 Claude Lévi-Strauss, *Raça e história*.

42 Canrobert Costa Neto, *As dimensões territoriais da agroecologia e do agronegócio e os alcances e limites da noção de sustentabilidade*.

afirma Frederic Kirschenmann⁴³ em contraposição aos pacotes tecnológicos da Revolução Verde, “apenas ecossistemas locais, e cada um deles apresenta características próprias que requerem uma atenção especial, única”. Propostas de desenvolvimento rural se referindo à agricultura no plural parece ser uma síntese de interessante análise nesta questão; planos não de transcendência para com a multiplicidade ecossistêmica apontando soluções amplas, mas uma relação de imanência com a diversidade (caótica) dos ambientes e sua frutificação em agriculturas...

Universalizar o sem princípio, a não unidade, uma referência perspectiva para um rural que se autodetermina ao condicionar as práticas “sustentáveis” à elaboração política dos atores locais, sua história, seus hábitos alimentares, sua topografia, sua flora e fauna, enfim, sua cultura. Não diminuir a síntese política ao saber local, mas integrá-lo numa constituição política mais ampla, com o valor na diferença, relação na alteridade e abertura para o exterior em vista da interiorização perpétua, sempre inacabada, desse exterior⁴⁴.

Quem constrói o conhecimento? Para quem ele é produzido? Quem se beneficia com ele? Tratores, fertilizantes e pesticidas como receituário incondicional a todos os solos e ambientes, trazendo às paisagens a monotonia monocultural — uma cultura só para todos os sistemas socioambientais agriculturáveis; o dueto leis de patentes e transgenia, onde empresas registram como de sua propriedade o material genético de variedades alimentares⁴⁵: uma apropriação de milênios da “cumulatividade” das culturas humanas, sementes que garantem o cardápio básico — milho, soja, feijão, batata, arroz.

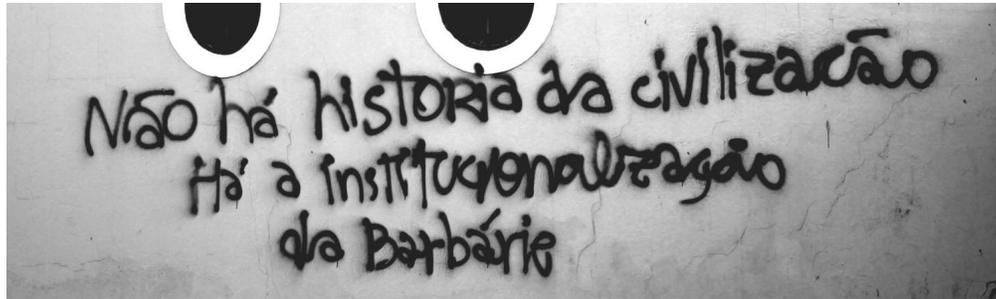
Não foi a toa, portanto, que uma das bandeiras mais significativas dos movimentos sociais do campo foi “ocupar o latifúndio do saber”, claramente uma disputa pelo “imaginário produtor de realidades” representado pela universidade. É no mínimo sensato que a diversidade social se reproduza na produção de conhecimentos e parâmetros quando o acirramento político define futuros.

Parece relevante, portanto, perscrutar e inquirir, constantemente, quais são as forças motrizes dos “conjuntos político-ideológicos” apresentados a nós. Qual é o “sopro de vida” daqueles que forjam as forças político-culturais da sociedade? pois que o encontro também se faz em conflito.

43 Marcelo Vaz Pupo, *Visões de Outra Roça*.

44 Eduardo Viveiros de Castro, *Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis*.

45 Débora Koons Garcia, *O futuro do alimento*.



Mas descobrindo que a noção de diferença revela-se necessária na criação da noção de cultura, talvez nos conforte a ideia de que ainda somos demasiado aprendizes nesse imenso educandário das expressões culturais, e que o projeto de civilização global não tenha passado, até aqui, de inicial rascunho onde a humanidade ainda está por vir.

Olhares imagéticos

Os textos analíticos da vida camponesa nos sugerem⁴⁶: desde a práxis intelectual e política de autores russos do século XIX até as sistematizações de experiências contemporâneas, vimos preenchidos de multiplicidades no existir — a expressão camponesa investigada transmite-nos modos de vida onde o saber acumulado tem sido um aliado na reprodução de sua cultura e na manutenção das bases ecológicas que garantem sua sobrevivência, não fazendo do conhecimento associado a estes saberes instrumento de opressão e discriminação entre os diferentes grupos sociais; ao ler os trabalhos publicados constataremos que a antiga previsão do inevitável desaparecimento dos camponeses, frente ao avanço da agricultura industrial e do capitalismo no campo, vem sendo continuamente contrariada.

Que força é essa, fundada sobre este modo de vida que se reinventa na permanência? que tessituras esse modo de vida produz? O que na vida destes sujeitos marca sua persistência, seu sertão? — “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”⁴⁷. O que em suas vidas enreda o aprendizado-cuidado com a terra, marcada por atos como colher, plantar, semear, podar, arar, revolver, esperar?

Diante de um mundo crescentemente urbanizado, novas ruralidades apontam caminhos fecundos para a redistribuição demográfica e a descentralização econômica. Outras racionalidades e pensares não capitalistas ocorrem em várias regiões, protagonizados por famílias agricultoras e suas organizações⁴⁸. Efervescem, em todo campo, agriculturas populares.

Que potência emerge dessa dimensão ética que insiste, há gerações, numa perspectiva

46 Abandonando a realeza russa onde nascera, foi a partir do contato com comunidades camponesas que a obra de Piotr Kropotkin ganhou corpo conceitual, fundamentando o pensamento anarquista como também influenciando as próprias concepções de Marx a respeito do campesinato. “São de ressaltar as contribuições de Kropotkin ao debate sobre a propriedade comunal, sobretudo aquelas que se centram na dimensão ética das formas e instituições comunais, criadas a partir da sociabilidade humana como mecanismo de sobrevivência e luta em condições desfavoráveis de existência” – Eduardo Sevilla Guzmán, em *Sobre a Evolução do Conceito de Campesinato*.

47 João Guimarães Rosa, *Grande Sertão, Veredas*. Impressiona ver nessa obra uma leitura tão vigorosa em sua proposta de nos arrebatara os sentidos quanto ao sentido de lugar. Ao contar de si, o ser-sertão Riobaldo, protagonista da estória, nos faz visitar nossos próprios sertões; saber o que somos em qualquer "onde" que estamos. Sentir assim é um desdobramento de ego e uma vereda entre os áridos, uma vereda no "imaginário".

48 Paulo Petersen, *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Petersen é pesquisador da Associação Agricultura Familiar e Agroecologia - AS-PTA, e também editor da *Revista Agriculturas*. A revista vem demonstrando o avanço da agroecologia através de experiências protagonizadas pela agricultura familiar e suas organizações. Apesar das dificuldades enfrentadas, este processo se espalha pelas várias regiões do país.

solidária e cooperativa — mas constantemente marginalizada do “real”, invisibilizada? Se não está estabelecida no real, onde estaria? uma entidade falsária que desgrilhoa nosso território sub judice e desfaz a forma identitária estritamente urbana, invocando outras paisagens subjetivadoras... Melhor seria perguntarmo-nos que potência esse falso discurso tem em abalar a identidade autocentrada do eu-eu (que iconiza o sistema dominante?) fazendo-nos cogitar que outro eu seríamos nós? O que emergiria se abandonando o antagonismo ao outro o eu transmutado em *desenclausura* abrisse espaço à imagem permissiva dum eu lírico, às vozes que expressam o imaginário camponês de maneira que o mundo deste, antes exterior, se convertesse em vivência interiorizada?

Essa dinâmica imprimida pelas comunidades rurais, analisada de maneira retro e perspectiva, permanece gerando rupturas na ordem do que é visível, pensável e realizável no metabolismo social, oferecendo continuamente — por estar sempre excluído, ausentado — reconfigurações no mapa do sensível, fruto da força contida nos enunciados políticos à ela vinculados. Pela natureza do conhecimento associado, pela cosmovisão que nutre a integração a um específico modo sócio-produtivo é que a pesquisa estimula-se, movimentando-se pelos sentidos que sobressaem da escuta às vozes camponesas, que irrompe identidades e fixações, deformando a concepção do estático existir. Trincas e frestas, dilacerações políticas no campo da “agronegociata de massa”... e o som permanece entoadado, dado a invocar ânimo poético que acolhe e oferece ao nobre desejo de humanidade enferrujado de vida fabril uma chance de madureza.

Que forma de agir e pensar é esta, camponesa, que resiste à morte da memória e com ela persistida (pois intrínseca a eles e nós todos) reelabora o real, a práxis, a vida (não só a deles, mas do conjunto)? Quais marcas nos fazem, quais são seus processos de aprendizagem? E que mundo é esse que se apresenta pra nós? Que realidades nos são servidas, como o prato principal, nas escolas, nas ruas, na TV, nas instituições públicas ou privadas, na igreja, no cinema? O mesmo fast-food como que embalado num jornal de letras mortas, descartável, desenriquecido, esterilizado da lanchonete da esquina? Se Boaventura de Sousa Santos nos propõe uma sociologia das ausências para “expandir o presente”, valorizando assim a experiência social que está em curso no mundo de hoje e evitar seu desperdício, como pensar uma “imagem das ausências”?

Ausência sociológica e ausência filosófica, a que está e não é vista e a que foi mas ainda

não é e que também expande o presente a partir reificação do passado; plano de contato com a virtualidade, atualização de referências para a expansão de ontologias possíveis e luta em estesia, política da percepção e das sensibilidades.

Das inúmeras imagens que do campesinato se sucedem, quais se quer fazer emergir? aquelas que conotam ações contra hegemônicas? que fazem propostas frente à crise? que identificam novas subjetividades no perene conflito de reinventar-se? que emergem das mutações existenciais derivadas deste processo de recampesinização?⁴⁹ que cristalizam conscientemente interpretações das novas ruralidades do campo ou ainda as que expõem a metamorfose da (nossa-minha) memória imortal? Imagens-tempo que condensam passado e presente campesino, inventando o lugar onde o pensamento toma contato com o impensado latente.

Penso a imagem⁵⁰ em movimento como artifício disparador de significações que cingem o tema da dissertação e que dê e que abra visibilidade ao acervo que reúne do mundo camponês aquilo que me irrompe e aquilo que penso serem suas erupções — estas pautadas pelo nucleação política que a movimentação social organizada no campo gera e coaduna. Jacques Rancière subsidia aqui noções conceituais para pensarmos o movimento que gera no campo cultural os movimentos sociais do campo: “A política é essencialmente estética, ou seja, está fundada sobre o mundo sensível, assim como expressão artística. Por isso, um regime político só pode ser democrático se incentivar a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade”⁵¹.

Neste universo, que semânticas (visuais) são translúcidas, ou pretende-se que sejam, e quais não se fixam, não são dadas nem estabelecem referência na gramática do real? Como realizar em vídeo uma linguagem que manifesta a instabilidade fronteira entre memória e imaginação; educação, arte e divulgação; estética e política?

São experimentações imagéticas pautadas nessa compreensão que formam margens reflexivas no fazer pesquisa em divulgação científica e cultural. A imagem, ao permitir conexões não lineares, oferece um artefato propositivo para lidar com as impermanências conceituais, as

49 Petersen apresenta estudos que nos ajuda a evitar interpretações empobrecedoras da atual realidade do mundo rural e a enfoques maniqueístas de seu processo histórico. A noção de “recampesinização” não é um retorno ao passado, ela indica, ao contrário, caminhos para superar a crise civilizatória, analisando a agricultura familiar em suas “matizes de campesinidade”.

50 Milton José Almeida, no artigo *Educação visual da memória*, também nos ensina que o conhecimento visual cotidiano participa da educação da memória num processo cuja configuração estética é política e cultural, como também é uma forma complexa do viver social - é um processo de educação cultural da inteligência.

51 Jacques Rancière, *A associação entre arte e política segundo o filósofo Jacques Rancière*.

nossas próprias — efetivando o aspecto propositivo —, as da sociologia, da antropologia, pedagogia e da própria agroecologia, confrontando seu cerne paradigmático que preconiza horizontalidade entre conhecimento acadêmico e não acadêmico — uma modalidade do ser consequente no reconhecimento da multiculturalidade comunitária? Faz compreender a insuficiência institucional apenas constatar esta disciplina não reverberada — ou plena de incômodo — por seu próprio corolário.

Essa concepção imagética fez-me compreender a peça-chave que faltava para dar sentido ao desejo de investigar a agroecologia e as movimentações cidade-campo: uma materialidade que enfim condiz, congruência com o fim a que se destina. Afinal como tratar a vigorosa promiscuidade entre a centralidade política-popular da agroecologia e sua vertente acadêmica sem prefixá-la com “trans”: transgressiva, transverberada, transluzida de enredo científico que exige outra abordagem teórico-metodológica, talvez uma particular existencialidade agroecológica que experimente o enlace que Félix Guattari propõe entre o mundo subjetivo, mundo social e o mundo da natureza⁵².

Há realidades (e identidades) sendo reeditadas e há comuns: imagens desconcertantes tanto quanto ocupação de terra são movimentos — enquadres ou sociais — que cartografam no real diferenciais concretos e simbólicos, rearranjam e singularizam num contexto de ideias massificadas, no exercício de torná-los imagens que sobrevivam “ao fluxo aniquilante, ao ‘esgoto público das imagens’ que nos atravessa”. Imagens desvinculantes e ação social transgressora atribuem interferência ao real postulado (oficial ficção). E elas assustam. A conjura dos falsários é vista como inimigo poderoso: à ruptura na ficção de Estado sobrevém a ideia de uma força subversiva, relativizadora da razão instrumental; à potência do falso sobrevém a vontade de verdade instaurando regimes de exclusão e supressão de discursividade desviante⁵³.

Nada de novo no *front*? É testemunha o escrivão da coroa portuguesa que lavra regulamentações no reino — contemporânea à decretação da capitania hereditária é a sumária determinação que garantia à metrópole exclusividade de impressão e publicação, reservando à colônia a severidade punitiva — mortal — de quem ousasse imprimir sentido dissonante à

52 Segundo este autor, no livro *As três ecologias*, apenas uma articulação ente esses três registros de ecologia (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é capaz de esclarecer a crise contemporânea no conjunto de suas implicações.

53 Eduardo Pellejero, *A postulação da verdade*.

realeza. Há portanto dessintonias que podem ser *videografadas* quanto ao tema e quanto à linguagem. Esse colonial embate hoje permanece sob o signo de velho e novo latifúndio — agrário e aéreo —, vastidão territorial e restritivas ondas no ar, ao gosto de emissoras e suas “públicas” concessões.

A destinação da pesquisa vai percebendo a importância estética/política deste contexto, e opta pelo exercício de descortinar os temas eleitos neste intrincamento. Investe na abertura de novas regiões apreensivas onde não se diferenciam o pensar e o expressar, valorizando a ideia de que a percepção e a sensibilidade de indivíduos e grupos constroem os espaços. Ela permite-se dar vazão a reflexões pedagógicas acerca da imagem e do modo pelo qual ela remodela a comunidade e o mundo:

A imagem que no senso comum ainda é uma representação do mundo, a duplicação de algo, torna-se atuante, sujeito, “forma que pensa”, que afeta e é afetada. A imagem está carregada de todas as qualidades e potencialidades que definem o “humano”. É a potência da imagem experimentada como sujeito. A imagem nunca foi investida de tanto valor. Esse valor é real e simbólico: a imagem-publicitária, a imagem-capital, as imagens produzidas no campo da arte, que podem atingir valores irracionais, mas também o valor afetivo incomensurável de certas imagens com as quais nos relacionamos, que têm uma duração, que sobrevivem ao fluxo aniquilante, ao “esgoto público das imagens” que nos atravessa. Há uma potência das novas imagens, da imagem eletrônica, das imagens digitais, desterritorializadas, que também precisam ser pensadas do ponto de vista estético, econômico e como modo de produção de uma nova sociabilidade.”⁵⁴

O interesse investigativo consiste na relação entre as sociabilidades que surgem pelos vetores analíticos da pesquisa: a sociabilidade da imagem atuante enquanto “forma que pensa” e que porta valor afetivo, e aquela forjada pelos povos do campo que fazem do outro um legítimo outro e que conotam formas de convivência na partilha e na colaboração.

A “trajetória pedagógica” pela qual nos conduz a vida acadêmica nos apresenta distintas visões a respeito do que é educar — na educação popular, por exemplo, estabelecer relações horizontalizantes entre os envolvidos na relação ensino-aprendizagem é uma busca, uma

54 Ivana Bentes, *Pensar as imagens como modo de produção de uma nova sociabilidade*.

intenção. Dialogicidade e respeito mútuo são princípios defendidos onde os envolvidos na atividade educativa se rearranjam no binômio educador-educando. Por que as pessoas que intencionam essa prática intencionam essa prática? Elisa Gonsalves⁵⁵, ao revisitar as práticas em educação popular, lembra-nos de que é a busca pela autonomia do indivíduo que caracteriza esta área.

Porém, mesmo a práxis da educação popular pode, paradoxalmente, levar os indivíduos não à emancipação, mas à dependência, como argumenta a pesquisadora. Portanto o que se busca aqui é problematizar a forma como pensamos a produção do conhecimento; é revisitar essa intenção de autonomia, que se move pela certeza de que as práticas educativas podem exercer outro papel que não oprimir e *ma(n)ssificar*, controlar e cercear. Transcender o tempo, discernir os fatos, dialogar o mundo que se sente, comunicar e participar são ações que Paulo Freire destaca no ato de “existir”, imprescindível numa proposta libertadora de educação⁵⁶. Existir assim parece envolver a articulação ético-política de Guattari para um novo paradigma estético, no sentido de resignificar a experiência individual e coletiva a fim de construirmos outros territórios existenciais⁵⁷ onde a humanização seja viável, percebida e vivenciada.

Se o deslocamento — conceitual ou identitário — tem sido regra percebemos também um continuum no existir gestado pelo imaginário camponês, misterioso e fora do alcance da razão pura — palavras, gestos, entonações, timbres, tonalidades das trajetórias de vida de pessoas com distintas origens culturais, mas que têm pela terra e pelo ato de interpretá-la uma característica única. Esta característica de inventar a terra e misturá-la com vida parece ser algo universal, mas só o é na sincronia com o local — uma “globalocalização”, às avessas, que universaliza na diferença, e assim escapam a todo instante do normativo e da massificação política e subjetiva, ao discurso único.

Na tentativa de ir ao encontro dessa “essência” e colocá-la sob rasura, surge uma terceira camada da produção audiovisual — nem áudio nem vídeo, uma terceira margem que pulsa em nós todos. A experimentação dessa terceira margem em imagens e sons é, no campo da

55 *Desfazendo nós, educação e autopoiese.*

56 A noção de "existir" de Paulo Freire, em *Educação como prática da liberdade*, parece apoiar a articulação ético-política de Guattari, a chamada “ecosofia”.

57 Em contraposição ao "normalizado" Guattari monta o discurso da singularidade de modo a desmontar os arranjos-chave da "sociedade capitalística" — desconstruir as subjetividades que estão a serviço desta sociedade através da emersão de novos "universos de referência" e "territórios existenciais".

linguagem, o que esta pesquisa busca contribuir para a discussão de conceitos tais como identidades, diferenças e política.

A expressão destes sentidos em imagem exercita outras possibilidades, onde os fragmentos possuem autonomia para procurar brechas desassociativas e expandir a criação imagética, aberto ao sensível na procura por dar ensejo às outras temporalidades do próprio universo camponês. O esforço de enredar essa terceira camada busca a força de alinhar, pela sensação e lembrança, um possível percurso, uma “verídica ficção” ainda não (vídeo)grafada e que se inscreve em cada pessoa, reescrita quando alguém a observa, desequilibrando a linearidade dogmática e alimentando a coerência com esse desmergulho da realidade intransigente que a práxis do “nós-eu” camponês vivencia. A pretensão aqui é alcançar essa narrativa duplo-hemisférica, semi-definida pela montagem de quem produz, semi-definida pela sensação do expectador que é produzida — apostando na memória camponesa culturalmente inscrita em todos nós.

As conexões não lineares que permitem o audiovisual parecem ter sua potência não exatamente no fato de não serem rigorosamente lineares, mas por acolherem elegantemente a autonomia: do pensamento, das inter-relações, da criatividade, do indivíduo e da coletividade — simultaneamente. O audiovisual assim possibilita à essa unidade “nós-eu” elaborar diferentes normas, compreender as conexões que se realizam no interior do próprio pensamento; em suma, ser autônomo.

Que elementos inventivos permitiriam compartilhar esses significados? que experimentassem amalgamar, indistintamente, os atravessamentos que nos compõem, ciência, cidade, memória, arte, registro, pesquisa... provocar as fronteiras, nossos reducionismos introjetados, nossa capitania subserviente? E ainda assim que sejam política e esteticamente localizados?

Coloca-se em análise uma linguagem audiovisual que dê conta de abordar pedagogicamente (ação educativa, comunicação social) a vinculação entre a potência estética e disruptiva e a força de resistência e criação da imagem com o abalo no universo possível gerado pela terra popularmente ocupada; vasculha peculiaridades da relação entre linguagem audiovisual e agroecologia — entendendo esta em sua perspectiva transversal à educação popular, à autogestão e à tecnologia social.

As imagens que as chamadas agriculturas populares projetam — intencionalmente ou não —, seus *en-signos*⁵⁸ talhados ao fogo da lembrança nas rotinas muito nossas, fagulhando desde dentro pelo miolo do íntimo sem que apercebamos, fazem proliferar memória recorrente, imorredoura. Resta qual sobriedade ou coragem pra rever e re-esculpir o tempo desvelando contra-modernidades no risco de reincidir em arcaicas lavouras? O que o sonho claro desse amanhã forjaria na memória de futuro? É terno o retorno ao campo?

58 Alik Wunder, em *Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola*, nos mostra que ensinar tem suas próprias marcas, deixam signos, tal qual a luz que sublinha dizeres sobre os suportes sensíveis à ela. O trabalho com imagens ganha perguntas interessantes – que “ensignos” queremos elaborar? que dimensões de nossas identidades gostaríamos de manter persistida?

Som do tempo

uma insubmissão a qualquer forma de monarquia ontológica...

O curta-metragem de Petrus Cariry, *O Som do Tempo*, ajuda-nos a pensar a insubmissão que uma ontologia campesina haveria de ter em relação às forças de *sobrecodificação*. Suas imagens, ao se referenciarem no cotidiano de Dona Maria, reforçam as linhas de pensamento que vem sendo aqui lançadas como forma de abordar divulgação científica e cultural na relação de encontro com a campesinidade, divulgação que por ela se afeta. Especialmente na força que tem em estar e permanecer por entre, em ser plano que provê atualização, que se presentifica. Detalhes de pés e mãos, frases que se tornam maturidade renovada, por entre frestas de antiga porta que leva ao fora, ao mundo... mas que também nos abre para o tempo interior de um organismo feito de casa-gente, também um fora do ao redor.



Presentificação que se dá em casca, suberosa — figuração pela imagem em metamorfose: casa-gente-tempo Maria, textura peridérmica que se suberiza, falece pra resistir viva; casca, água e mãos retorcidas como tronco de cerrado e caatinga, acolhe fogo e concreto que só a maturidade da quase morte pode... viva ilustração camponesa?

Um tempo que morre — uma extração do caos? um plano imanente? filete d'água que

escorre folha seca, extremidade da agudeza da ponta de um espinho se desfazendo de si pra ser ar e tudo o mais, resistência do não resistir. Imagem da imagem e escape, cidade-reflexo, concreto fletido, velha-moça que permanece menina e nos retorna ao que nos constitui, fresca visão de mundo,

que pudesse inundar os monolitos da cidade e igualmente promover a vertigem cidadina, confluência lá e cá, enraizamento em urbanidade e plena malha campestre... Invenção do rururbano, território-destino camponês permeabilizado em um ou qualquer cerne metropolitano. Criação da alteridade camponesa, efeito da campesinidade transitória.

Videofonograma

Este material⁵⁹ busca redigir “videofonograficamente” um discurso que se apoia em algumas experiências pessoais, fruto de projetos de extensão, pesquisa e atividades políticas autônomas. Ocupação de monoculturas, cotidiano de Assentamentos rurais, entrevistas com agricultores fizeram parte do “repositório” utilizado na edição deste videofonograma. São imagens e sons que localizam e dispersam, repetem-se de acordo com as referências trazidas — se existe algum anseio em delimitar um encadeamento entre imagens e sons, ele só se expressa na polifonia dos atores ali presentes, cujas falas e dizeres são portadoras de memória e estória pessoais, contextos afetivos, mas que compõem, em conjunto, um único arco-íris sonoro — na intenção de terra, na política de broto que renasce e alimenta.

O processo de criação de *Videofonograma* pode ser entendido como uma experimentação de linguagem. A técnica utilizada, este “borrão de movimento”, integra os efeitos e filtros de um programa que reproduz vídeos e que traduz alguns elementos de interesse no debate da dissertação, como deslocamentos, (im)permanências e recriação.



“Onde todo próprio desmorona”... imagens e sons que localizam e dispersam, repetem-se de acordo com as referências trazidas — se existe algum anseio em delimitar um encadeamento entre imagens e sons no vídeo, ele só se expressa na polifonia dos atores ali presentes, cujas falas e dizeres são portadoras de memória e estória pessoais, contextos afetivos, mas que compõem,

⁵⁹ O vídeo pode ser visto em <http://vimeo.com/55544080>

em conjunto, um único arco-íris sonoro — na intenção de terra, na política de semente que renasce e alimenta.

As imagens do vídeo procuram fugir da ideia de figuração, deslocando espaços e tempos em direção ao encontro com seus duplos — memória, história, truculências, miserabilidades e plantares, expectativa e renovação. Uma transfiguração que oferta à imagem um descolamento de sua base primeira, estímulo clichê. A essa abertura talvez se associe uma concepção pedagógica às imagens, que abertas às suas próprias sujeições permitem dialogar com quem observa.

De-sintonias

Este vídeo⁶⁰ também é um exercício de criação de imagem e som que explora as discursividades que circulam por entre os espaços produtores de sentidos em torno da reforma agrária e movimentos sociais do campo no Brasil. As vozes que circulam nestes meios operam posicionamentos e posturas, num processo de formação cultural quase nunca cogido por quem recebe a ação. É neste regime estético-político que podemos pensar em sintonias e dessintonias, próprias da resultante entre a “filtragem seletiva operada pelo desejo” e a maturidade política cabível, acúmulo de experiências vividas entre o fixo e o fluxo identitário que nos pertence.



A montagem do vídeo se vale da garimpagem nos espaços compartilhadores de símbolos e sentidos — televisão, *youtube*, *google* imagens, sites oficiais, publicações, etc. É o recorte específico dado a edição destes materiais públicos que tensiona algumas das relações de interesse no estudo das imagens; é a junção e disjunção de trechos, em busca de um distinto discurso, que remontam as narrativas a nós ofertadas em seus “originais”. *De-sintonias* recoloca os discursos — da palavra e do visível — à maneira da típica brincadeira que desfigura o corpo pelos membros de modo que surjam inéditas quimeras.

Ainda que não escape inteiramente da subordinação (que podemos problematizar) da

60 O vídeo pode ser visto em <http://vimeo.com/73157545>

“função imagedoura” pela “função textual”, há ao menos uma confusão dirigente, por assim dizer: quando a relação causal direta entre o textual e o visual se fratura, que impressão prevalece? a voz rede-global ou o semblante camponês (direto ou figurado)?

Por entre lemas proferidos por âncoras e comentaristas de plantão da audiência televisiva no que tange a reforma agrária e os movimentos sociais do campo, são igualmente expostos ícones culturais em contra-senso, formando uma narrativa de “frontalidades” significantes — Arnaldo Jabor versus Sebastião Salgado, Di Cavalcanti versus Alexandre Garcia. E pelo interstício deste contraste surge amalgamando-o um discurso-ideias do urbano, asfálticas sensações cujo “cheiro do mangue” nos invade pra impedir que olvidemos a “febre dos ratos” que agasta a pele-cidade, dilacerando sua moderna impermeabilidade.

No caso específico das vozes escolhidas, há ainda uma quimera disfarçada e no emblema sonoro ostentado por Cid Moreira perfaz a vociferação de Leonel Brizola, num clássico direito de resposta transmitido na década de 1990. E é justamente nesta incorporação obsessiva dos planos em jogo, na unicidade do que se expressa (politicamente) distinto que advém esse discurso mediúnico e explicita toda a contradição das personagens — quem está a dizer o que? a disputa é pelo corpo-veículo que transmite aos milhões ou pela palavra (não) dita? nisso se escapa do que, ao certo? atentar à interpelação nos iguala a quem interpela? negar a locução reafirma seu enunciado?

De-sintonias joga com/nesse jogo de afirmações contrárias que se unem e tencionam o artefato audiovisual — a potência singular da forma (vida autônoma da imagem) contra a convenção comercial da história (letra morta do texto) que satisfaz o desejo do público (indústria). Termos de Rancière aqui lançados pra pensar o exercício-pesquisa sobre a imagem e o som e a (sensível) partilha do conjunto. É também neste sentido que vale opor, pra entender a relação na/da partilha, os circuitos produzidos na relação entre áudio e vídeo. Como se dá a partilha — no sentido da fratura, divisão — entre os ícones imagéticos e os ícones sonoros?

Se a questão é observar a relação de submissão da imagem pelo texto, do sensível pela história, parece prudente constatar que *De-sintonias*, mais claramente em seu trajeto final, impede e/ou evita a operatividade metamórfica de que nos fala Rancière, senão afirmando a especificidade dos materiais ao menos evidenciando um enclausuramento do dito contra o visto. A porção conclusiva do vídeo provoca não a semântica de “sintonia” mas sua (possível)

correspondência inteligível. No desembaralhamento sonoro esvaem-se os ruídos, interferências que antes reforçavam a sensação de dessintonia, mas esta se acentua ainda mais na aparente limpidez (sintonia?) entre o agronegócio que “segurou a barra do Brasil nos últimos anos” — dito — e o enfileiramento da ossada humana feita brinquedo na mão do menino — visto.



61

O efeito contraditório/*afirmatório* desta sintonia parece ser produzido por um aspecto da racionalidade — que conta com a especificidade do que é imagem e do que é texto, mas também carece de uma afecção, de um abalo no que se sente durante a exibição do vídeo. Rancière argumenta sobre dois aspectos pertencentes a imagem, um como potência desvinculadora, puro páthos formulador de uma singularidade incomensurável, outro como elemento de ligação que resulta numa operação que torna comum. O texto, nesta abordagem do vídeo, seria um fator que valoriza o elemento de ligação da imagem e desmobiliza (distrain?) sua “singularidade incomensurável”?

Algumas pistas surgem e mobilizam vontades de análise, como a intencionalidade na montagem de materiais audiovisuais e na repercussão que ela pode ou quer ter na relação entre imagem e educação. Dizer sobre incomensurabilidade é aceitar que estamos falando do plano da sensação, aceitando o convite de filósofos como Deleuze. Se o paradoxo da visibilidade versus

61 A imagem reproduz cena do filme *Histórias do Cinema*, de Jean-Luc Godard. Rancière opta por examinar este episódio (“Os signos entre nós”), em *O destino das imagens*, pra detalhar e expor conceitos como o da frase-imagem.

invisibilidade também está representado naquilo que não se resolve entre o que se representa e o que é captado, então toda intencionalidade investida na elaboração de um vídeo está semi fadada ao fracasso. Escapa às mãos o suposto controle que qualquer pretensão totalitária queira ter; abre-se às tantas as leituras sentidas pelo feixe luminoso condensando partículas de tempo raptado — e a partir de toda atualização que se faz desde o caos partem outras investidas a bailarem nele.

Ainda assim a intencionalidade permanece semi exitosa, e mesmo que toda imagem — clichê não clichê — permita gerar diferenciação, são os arranjos e contextos socioculturais e suas interpretações de realidade que forjam a interpretação (mais ou menos hegemônica) que as imagens escolhidas terão. Parece ser o exercício de lançamento e escuta que se exerce nos espaços e processos pedagógicos que poderiam orientar análises sobre a potência das imagens, de maneira a “cogerir” o inconsciente e a subjetividade coletiva, numa política intencionalidade.

“A história do cinema é a história da potência de fazer história”. É com esta sentença que Rancière⁶² monta sua argumentação em torno da noção de frase-imagem — uma nova potência sensorial, um novo ritmo onde “não existe mais medida, apenas o comum; é o comum da desmedida (ou do caos) que doravante confere à arte sua potência”. A frase-imagem seria a medida contraditória da arte estética, para que esta não se perca no território da grande explosão esquizofrênica ou no do torpor do grande consentimento mercantil, mantendo-se a/na potência de pensamento comum, reafirmando o inter cruzamento das esferas da racionalidade.

62 *O destino das imagens.*

Bastidores de uma cena

Como reflexão a partir de um exercício prático, vale o relato da realização do vídeo *Queremos uma Kombi*⁶³, que integrou a campanha “Uma Kombi para as Mulheres da AMA”. O vídeo foi finalizado no início de 2013, e a produção deste material audiovisual esteve inserida num específico contexto institucional, fato que permitiu alguns desdobramentos metodológicos que nos serve de análise.

A Associação de Mulheres Agroecológicas do Vergel (AMA) é um grupo popular que se constituiu no Assentamento 12 de Outubro (Horto Vergel, Mogi Mirim) que desde 2005 mantém uma estreita relação com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp (ITCP). O processo de incubação que vincula estas duas entidades inspira-se em conceitos, dentre outros, como os da educação popular e da autogestão com o propósito de elaborar uma produção agrícola pautada nos princípios da agroecologia e das questões de gênero — são eixos como esses que em boa medida influenciaram o argumento, roteiro e montagem do vídeo produzido.

A ITCP/UNICAMP é um projeto de extensão universitária que desde 2001 congrega pessoas de diversas áreas do conhecimento dentro da universidade. Fruto da luta de estudantes por um projeto de extensão mais próximo da realidade do município de Campinas e região, a incubadora surgiu com o objetivo de contribuir na formação e assessoramento de empreendimentos econômicos solidários tendo como proposta a construção de um conjunto de práticas de mutualidade e ação coletiva que fomentem um modelo econômico conectado às realidades locais dos trabalhadores e trabalhadoras e que permita a construção de relações sociais igualitárias.

Sensível a estes propósitos, a equipe de agricultura da ITCP em conjunto com a AMA, ao constatarem que um dos principais obstáculos ao escoamento da produção se refere à ausência de um veículo apropriado que possa garantir sua comercialização direta, resolvem submeter um projeto de compra de uma Kombi ao financiamento colaborativo. O fato é que a plataforma escolhida para este financiamento tem como característica a condição de que os projetos submetidos utilizem o audiovisual como instrumento de apresentação e divulgação ao escrutínio do público financiador.

63 O vídeo pode ser visto em <http://vimeo.com/53014999>

A determinação da linguagem a ser utilizada na sensibilização das pessoas que pudessem apoiar a compra do veículo aliada ao interesse desta pesquisa com as imagens campesinas resultou no convite formal para que as filmagens necessárias fossem feitas. Vale mencionar que tanto eu quanto o outro pós-graduando envolvido na gravação do vídeo já conhecíamos as mulheres da AMA exatamente pelo envolvimento com a ITCP, quando compúnhamos a equipe de agricultura da incubadora durante os anos de 2008 a 2010.

Esse primeiro contato mostrou-se essencial para estabelecermos, em parceria com a atual equipe de agricultura, um diálogo aberto e de confiança com o grupo de mulheres durante a captação das imagens.

O debate político e a clareza do grupo frente à realidade dos assentamentos rurais permitiram que a formulação do argumento no vídeo se desse de forma ampla, enriquecendo os momentos de negociação e reforçando o caráter pedagógico próprio das atividades da incubadora. Escolher o que seria dito e transmitido pelas imagens e sons desdobrou-se em vários encontros entre a equipe responsável pela captação de áudio e vídeo e as mulheres da associação.

A convergência de postura entre os integrantes da equipe em torno dos princípios da educação popular e da autogestão teve como consequência (em algum grau previsível) a completa subversão do planejamento traçado — extremamente pontualizado e indiferente frente às derivações e rumos que a abertura de tomada de decisões junto às mulheres pudesse ganhar. Vale constar que este fato tornou-se evidência de que o que estávamos propondo neste trabalho apresentou-nos algo inteiramente novo, definitivamente pelo modo como a experiência foi conduzida entre os envolvidos; pela abordagem tecida ao pensar a linguagem audiovisual, ainda que o resultado final tenha explorado de maneira mais evidente um caráter instrumentalista acerca das imagens.



Desde o início foi proposto um caminho metodológico que estivesse atento — na busca de conteúdo audiovisual — a elementos discursivos “racionalizados” e provenientes de um raciocínio linear, verbalizado através de uma entrevista semi estruturada no ambiente “físico”, como o cômodo de uma casa ou um canteiro no lote.

Porém, as discursividades que emergissem do plano sensível presente na constituição identitária das mulheres ali presentes foram igualmente objeto que esteve presente em nossa intencionalidade de criação visual, de modo que imagens de opressão, esperança, resistência e injustiça assumissem forma e profundidade estética, não mais no “concreto” de uma sala, mas no espaço subjetivo pelo grupo inventado.

Os primeiros encontros com a associação dedicaram-se a detalhar a proposta em suas implicações mais amplas: o significado social e político do financiamento colaborativo, como funciona tecnicamente a ferramenta proposta pela plataforma escolhida, qual abordagem estaria a nosso alcance enquanto produtores de vídeo não comercial, estratégias de ações que pudessem ser efetivadas para além da internet com o intuito de fortalecer a campanha “Uma kombi para as mulheres da AMA”.

Concluído o momento inicial e tomada as decisões necessárias por parte das mulheres para seguimento da ação, aos poucos os encontros ganharam um contorno mais objetivo, sendo possível identificar no conjunto geral das informações aquelas que sintetizassem o que deveria, aos olhos da associação, ser dito ao público espectador. Foi com base nestas informações preliminares que os roteiros semi estruturados puderam ser definidos, orientando a equipe técnica na efetivação das entrevistas filmadas.

Ademais, este primeiro acúmulo subsidiou igualmente os contornos que teriam as “oficinas do sensível”, responsáveis por fazer convergir em videografia as dimensões subjetivas do trabalho na associação, reafirmando a importância de introduzir nas cenas enredadas sobretudo a memória e a imaginação das mulheres. A captação de imagens partiu da ideia de se registrar o conteúdo eleito para o vídeo no cotidiano de seus afazeres. Essa proposta implicou a visitação em três casas/lotes no assentamento e um grande volume de material captado.

Houve também um momento de definição conjunta do roteiro do vídeo. Uma oficina foi realizada na ITCP para resgatarmos a linha histórica do processo de criação do vídeo, desde os

primeiros argumentos, passando pelas visitas e oficinas do sensível. Esse processo culminou na exibição de trechos brutos do material gravado, já minimamente decupados e organizados em falas, passagens, cenas montadas pelas oficinas, sons ambientes, mas ainda sem uma edição coesa e esteticamente finalizada, sem trilhas ou fundo musical. Foi nesta atividade que se definiu o roteiro e como deveria ser guiada a edição final.

As condições materiais dos assentamentos são explicitamente reconhecidas pelo grupo, tais como a estagnação a que está sujeito o grupo desde 2005, no que tange condições de escoamento da produção agrícola. É evidente a consciência que têm as mulheres a respeito da exclusão que sofrem do mercado varejista; as inúmeras dificuldades em viabilizar a própria produção orgânica; a iniquidade nos acordos comerciais com grandes varejistas; o imenso gargalo no escoamento da produção em grande parte devido à atuação muitas vezes criminosos dos atravessadores que no assentamento surgem; o preconceito que enfrenta os sem-terras na superação da ideia de “vagabundo que não quer trabalhar”; a indignação que sentem ao constatarem a extrema exploração da mão-de-obra dos assentados perpetrada por empreendedores capitalistas que possuem maquinário e transporte investidos no beneficiamento da produção de mandioca plantada pelo próprio trabalhador rural, fazendo com que o grupo de mulheres se perguntasse: “afinal, porque esta infraestrutura não pode estar em nossas mãos?”.

Temas como agrobiodiversidade, produção orgânica de produtos alimentícios, resiliência dos agroecossistemas, preservação de espécies locais, trabalho e gênero, permanência no campo, escala e produção orgânica, nicho mercadológico e estratégia de comercialização, escoamento da produção e ausência de políticas públicas adequadas, burocracia e discriminação, entre outros estiveram presentes no vídeo.

No começo de 2013 a campanha foi ao “ar”, permanecendo por 40 dias aberta à doação financeira dos internautas. A meta foi ultrapassada em mais de 10% ao final do período estipulado. Um impacto significativo — e polêmico — do vídeo foi funcionar como ponte de contato entre a AMA e o apresentador da TV Globo Luciano Huck, cujo programa gravado com as mulheres foi ao ar no dia 18 de maio de 2013. De acordo com o programa, além da Kombi outros itens estruturantes não só do escoamento mas também da produção foram doados ao grupo, tais como um micro-ônibus, um pequeno trator, uma cozinha industrial aparelhada, uma conta bancária com capital de giro, além de formação com agrônomos no tema de produção

orgânica de alimentos.

A intenção das mulheres com o vídeo esteve atrelada à finalidade da campanha inserida na plataforma de financiamento colaborativo, e a edição final apostou em elementos mais convencionais do material audiovisual, como a narrativa linear e a concepção da imagem como suporte à narrativa textual atrelada à representação do real. No entanto, boa parte do material filmado corresponde a linguagens menos usuais. De maneira autônoma e objetivando esta pesquisa, algumas cenas desta experiência subsidiaram, por exemplo, a edição de *Videofonograma*.

Haveria possibilidade de se fazer um debate a respeito do impacto das imagens neste contexto de massificação estético-política, a ver pela cooptação por uma estrutura do porte da TV Globo em suprir materialmente uma associação como a AMA, utilizando para isso exatamente a narrativa formulada na experiência relatada.

Mas é, sobretudo, a especificidade das “oficinas do sensível” que chama a atenção para a definição de alguns esboços metodológicos na criação de narrativas audiovisuais em parceria com grupos camponeses. O impulso criativo das mulheres interessava-nos pela aposta de que muito tem ele a nos dizer, de que grande força argumentativa adviesse ao expormos à tela memória e imaginário pertencente à trajetória da Associação de Mulheres Agroecológicas do Vergel.

As oficinas do sensível foram elaboradas a partir de técnicas do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. A intenção destas oficinas foi constituir o que Boal chama de “espaço estético”, aquele que se faz pela interpenetração de outros dois espaços, o da cena e o da plateia. Essa superposição de espaços surge da criação subjetiva de quem especta por sobre o que existe, o físico; um é contemporâneo enquanto o outro viaja no tempo. O espaço estético existe na separação entre dois espaços ou na dissociação de dois tempos; ele se forma porque para ele convergem atenções... buraco negro que atrai, centrípeto.

A ousadia inicial era transpor o que havia sido descrito para o teatro para conceber uma dada videografia; era utilizar a capacidade de subverter o tempo pela edição não linear do vídeo e potencializar as propriedades do espaço estético, em especial as gnosiológicas, que estimulam o saber e o descobrir, o conhecimento e o reconhecimento — propriedades que induzem ao aprendizado e reforçam esta “videteatrografia” como uma forma de produção de conhecimento.

Surge implicada então a pergunta de quais os conceitos de imagem que poderiam estabelecer correlações entre o que se coloca como espaço estético e o que se coloca como formas de produção de conhecimento.

Para Boal são a memória e a imaginação (que fazem parte do mesmo processo psíquico) que projetam sobre e dentro do espaço estético os elementos que são ausentes do espaço físico, a saber: as relações afetivas e oníricas. Efetivamente *Queremos uma Kombi* utilizou apenas uma das diversas cenas filmadas através das oficinas do sensível — justamente a que inaugura a edição, cujo diálogo é iniciado ainda nos letreiros de abertura, e que é também a mais bem humorada cuja situação a que se remete confere um tom clownesco ao vídeo.

A tragédia do carro enguiçado a caminho da feira foi reformulada em comédia a partir da lembrança e da inventividade das mulheres na circunstância da filmagem. A leveza promovida pelo humor da cena foi um dos fatores de escolha para compor a edição final, em contraste com outras cenas sobrevividas de oficinas onde algumas “máquinas”, como a do desamor, a da indiferença, a da discriminação foram elaboradas (corporalmente) como temas a serem trabalhados num momento preliminar do roteiro.

As oficinas do sensível compuseram então os espaços estéticos nos quais emergiriam correspondências com a trajetória do grupo e que contivesse elementos de relevância para a sensibilização dos futuros apoiadores da campanha. Essencialmente os espaços estéticos (nesta experiência) são espaços onde tudo o que é dito tem como suporte o que foi, um passado revisto, revisado, recolocado.

E parece ser aqui a ponta por onde uma aparência possa ser feita, onde a imagem também apresenta um passado, “só que este passado não é só aquilo que foi possível de ser visibilizado, visualizado ou narrado, é também aquele conjunto de multiplicidades que não aconteceram, não tiveram tempo de acontecer ou eram muito rápidas ou muito lentas”, então não houve tempo...

O passado com o qual fazemos emergir coisas que não aconteceram mas que não por isso deixaram de existir é o passado da virtualidade; o virtual é o domínio ao qual está indissociado o atual — todas as imagens concretas que vivem entre nós e que nos constituem. É no virtual que repousa aquilo que não se efetuou mas que continua sendo latente e potente, acontecimento ainda não acontecido, o acontecimento que é o sentido que a virtualidade guarda.

O espaço estético-afetivo pretendido pela videteatrografia é aquele tornado “dicotômico,

porém assincrônico: ele é o que é e é o que foi ou o que poderia ter sido, ou poderá vir a ser. É no presente e também é no passado lembrado ou no futuro imaginado.”⁶⁴

Essa junção experimental em torno de uma relação com o acontecimento pode ser entendido como um propósito de videografar as oficinas do sensível. O espaço estético de Boal poderia ser um contorno ou a imagem própria nesta perspectiva de Deleuze?

A relevância do conceito de imagem-tempo surge nessa pergunta. A imagem-tempo é aquela que desfaz a distinção entre atual e virtual porque torna indiscernível a própria distinção entre presente e passado. Ela seria uma expressão do impensado, do que ainda não foi presentificado; o virtual existe também como reflexo do real, uma espécie de “vasto universo cristalino” de imagens virtuais, de memórias, sonhos e mesmo mundos — a imagem-tempo seria a germinação da semente cristal, um ponto de indiscernibilidade convergido por passado e presente, atual e virtual.⁶⁵

A plasticidade do espaço estético possibilita o arrasto pela vertigem do sonho, perdendo contato com o espaço físico, concreto e real; sua propriedade onírica nos oferta atravessar o espelho onde tudo se funde e confunde⁶⁶. A montagem de cenas vividas pelas mulheres da AMA procede a ação que permite a concreção de algum desejo; porém reviver esse desejo é reificá-lo. Nesse processo não apenas os desejos declarados são reificados, reifica-se não apenas o que se quer reificar mas o que existe e ainda não é.

Duas suposições apresentam-se na pesquisa, a primeira é de que há uma semelhança conceitual a ser tecida entre o espaço estético e a imagem-tempo, e a outra de que a metáfora entre suas definições poderiam ser “fraternizadas”, um comum haveria de ser reificado e atualizado; cenas promotoras de imagens-tempo que catalizam o acesso ao arquivo da memória latente no corpo e no cérebro, pelo corpo e pelo cérebro; atualizar o virtual através do contato do pensamento (e da ação) com os signos implicantes (envolventes) do real: imagens, gestos, figuras, toques, olhares e movimentos.

Essas suposições culminam numa relação metodológica que integraria procedimentos de criação e captura de imagens; procedimentos que poderiam atuar em sinergia com as metodologias participativas, com a educação ambiental e popular.

64 Augusto Boal, *Arco-íris do desejo*.

65 Laura U. Marks, *Signs of the time*.

66 Augusto Boal, *Arco-íris do desejo*.

Quarto das memórias inventadas

A arte não vai desaparecer no nada.

Vai desaparecer no todo.

Julio García Espinosa

Desestrangeirizações; Tornar iminentes aqueles que desafiam nossos modos de percepção e significação, tornar miscíveis confrontos em encontros que gerem *entrelugares* culturais, sensíveis. Destoar a prática artística como exceção às outras práticas e versá-la como representação da reconfiguração e da partilha de todas as demais atividades.⁶⁷

À educação e aos saberes o rearranjo material de signos e imagens, a sabotagem de toda verdade que seca bocas e apaga pensamentos. Uma pedagogia da insustentabilidade dos limites a priori, uma pedagogia de múltiplas ontogêneses que rompa com a intolerância das razões etno, antrope e falocêntrica. Um cinema que articula expressões e reivindica singularidades, uma nova poética que em essência se desaparece como nova poética, um gênero ou outro ou todos.

Um cinema imperfeito que é pergunta e é resposta, autopoietico de mil flores distintas. Imagem recursiva que escapa à dicotomia sujeito-objeto e assume interações em simultaneidade, caóticas. Autogestão de linguagem que se faz na relação autogerida entre o que se vê e o que se diz, o que se faz e o que se pode fazer. Confecção de vetores de subjetivação tão diversa quanto é o universo de referência popular, miríade do espírito criador do povo.

Cinema imperfeito às bandeiras ideológicas maniqueístas⁶⁸, autodeterminado em expressar subjetividades distendidas e distanciadas da norma, que encampe objetivos unificados sempre que atrase a usinagem subjetiva da mídia. Cinema pedagogo capaz de inventar outros mediadores sociais, que dá vazão à existência humana em novos contextos históricos e às práticas que modifiquem e reinventem maneiras de ser no contexto campo-cidade; que engendra modalidades do ser em grupo numa urbanidade camponesa.

Essas linhas ensaiam o roteiro que pretende pensar com a educação e a divulgação o exercício de linguagem audiovisual num regime que tem referência popular; um recorte apenas, uma delimitação do que se pode produzir no sentido da comunidade: Um quarto de memória

67 Valdo Barcelos, *Uma educação nos trópicos*; Jacques Rancière, *O destino das imagens*.

68 Julio García Espinosa, *Por um cinema imperfeito*.

inventada, a partilha do dizer de um arquétipo folclórico, elemento criativo manifesto e incontido dos povos, arte ao avesso e em desdobra que por isso deixa de ser celebrativa e demagógica para se tornar pulso do agora, memória irrequieta do que será, futuro brincante e *ilocalizável*, folia *folklorica* das miudezas de rua.

Se o quarto é de invenção, pensemos novamente na experiência da campanha “Uma kombi para as mulheres da AMA” e os contornos antes traçados, e reinventaremos sobre o que foi pra fazer clarões aos entendimentos e caminhos; não mais que isso, caminhos.

Talvez essa postura valha pela assunção de que a educação visual se dá num processo, num dado contexto de forte influência do senso comum, mascaramento da imagem em mera réplica e atestado de verdades em cujas armadilhas por vezes caímos, por vezes deflagramos... ou por vezes assumimos tais funções imageadoras e delas lançamos mão para demarque político, ainda que restrito se pensarmos as possibilidades que elas possuem. Também contradizemos, também fornecemos certa fixação no jogo da(s) verdade(s) talvez apostando que retorcer a vara noutra curvatura possa abalar alguma retidão... até que o demarque seja cooptado e nosso reducionismo exposto.

As cenas de arquivo de atos do MST reproduzidas na tela da Rede Globo, não para escárnio, mas para afirmação de enredo da vida de Ileide (integrante da AMA), surpreendem. Independente de qualquer afirmação acerca da linha política da emissora o quadro em questão ou conta com certa autonomia ou certa ousadia em escolher os elementos narrativos para reforçar o assistencialismo ao grupo de mulheres.



De qualquer maneira a contraposição política não se desfaz, nem apesar do desejo satisfeito das mulheres e nem pela satisfação expressa de algumas pessoas pela plasticidade das imagens do vídeo *Queremos uma Kombi*. Em algum grau (ou muitos) a narrativa do vídeo

conversa com o que representa Luciano Huck; em algum grau a linguagem proposta não rompe com o que se sente divergir, e a lança do incômodo não arrefece e provoca ainda mais a vontade de um cinema imperfeito que desestabilize, até a nós mesmos.

Assumir a videteatrografia teria então algumas proposições. Ela instauraria dispositivos de subjetivação que operem com delicada violência os elementos identitários, reformulando-os e impactando o processo mesmo de formação de grupo, no caso da AMA, e atualizando disposições políticas, rastreando resistências: quem mesmo nós somos? Movimento necessário de repartilhar sentidos coletivos e territorializantes. A videteatrografia poderia inundar de singularidades o roteiro, que direcionado a etnoficções pudesse reificar o grupo. No contexto de movimentos sociais, esse viés propositivo se alicerçaria nalgum “núcleo de comunicação e artes”.

Durante a oficina do sensível em que as mulheres simulavam (reificavam) a lida com a burocracia discriminatória de um agente bancário, surgiu a ideia de eleger um elemento de vestuário que pudesse representar uma ou qualquer mulher do grupo frente ao guichê. Oferecendo uma maior consequência a este fato para a concepção de um novo roteiro, algumas seqüências poderiam ter sido rodadas, as quais projeto nos próximos parágrafos.

As imagens que as chamadas agriculturas populares projetam — intencionalmente ou não —, seus en-signos talhados ao fogo da lembrança nas rotinas muito nossas, fagulhando desde dentro pelo miolo do íntimo sem que apercebamos, fazem proliferar memória recorrente, imorredoura.

Rotina e memória imorredoura... dois fatos de campesinidade que poderiam suportar o elenco de percepções para o roteiro. Na oficina em questão, a peça de veste utilizada para compor o comum no grupo foi um xale, mas para o roteiro aqui inventado poderia ser uma pulseira, ou um anel. Talvez o anel pudesse representar melhor a proposta, e então as rotinas a serem enquadradas se passariam como de mão em mão por entre as personagens; sons e vozes de brincadeira passa-anel se misturariam pra compor relações entre “signos talhados ao fogo da lembrança” e “rotinas muito nossas”. Imagens lá e cá que fossem tecendo uma atmosfera atemporal — quando tudo isso se passa? Quanto da brincadeira de infância mora no hoje — não apenas sua efetivação nas calçadas das ruas ou no banco de praça, mas da vida mesmo das

reminiscências que tais imagens poderiam suscitar. A infância é, enfim, cabível em todo minuto e pode ser planta miúda em fenda de toda sorte.

Vozes coletivas de quem são far-se-iam com imagens que repassassem de gesto em gesto das mulheres por sobre um enredo estabelecido com rotinas que elegessem. O traçado do repasse nos conduziria ao desvelo de intimidades expostas: vincos de pele, aro de óculos, chama de um fogão... repouso de mão na enxada, caixote que acolhe à cenoura; a lamúria do motor de um veículo, o canto de boca que afaga palavras ao neto... todos personagens emaranhados de inextricável discursividade, voracidade na paz de uma colher de pau repousada sobre a mesa que (a)guarda o refogo dos almoços.

Não interessa quem. A presença do anel ou de sua representação marca o enredo comum, que se faz na simultaneidade do contraste e da similaridade entre as presenças — gente, objeto, sonoridade, animal, reflexo, paisagem, planta... linha desnovelada que não termina e nem pontas tem, coisas todas da terra e do alimento que inspira mais a ideia de fios dentro de fios, semente da semente — as sementes são como retratos condutores de ancestralidades, de infinitos detalhes, mas se preenchem de uma consistência monstruosa pois carregam em si o padrão de sempre: terra, germe, broto, planta, semente e gente. Pontualizações de uma verdadeira imagem fractalizada: condutores de ancestralidades no mesmo retrato de múltiplas escalas — fractais camponeses, fractais do pensamento mais forte que o lugar, fractais de sertão desmorrido.

E tal qual o anel que se carrega em mãos, tal qual a criança que nos mora e que nos carreará, a campesinidade vai se destilando e desmorrendo, ela mesma carreada pela imortalidade de tuas lembranças. E o medo de morte superado daria espaço para um ninar qualquer, alguma canção capaz que nos embale o sonho de amanhã, pois o amanhã inevitavelmente corporificará de novo o mesmo medo refeito em outra rotina, nova de sempre.

E o roteiro já teria avançado por sobre a margem do asfalto, luz camponesa que alumia urbanidade flagrada ou velada nos detalhes da tradicional rotina das mulheres ou das carroças ou dos pertences. E os azuis cor de terra já tonalizariam as sensações... São pessoas que são em trânsito, mulheres, mulher: ela mesma carne de campesinidade transitória, por onde passa leva e deixa, arrasto e marcas. As oficinas do sensível teriam o papel de “sobremergir” os afetos e perceptos das visões desta itinerância ao redor de seus mundos. A aposta é de que elas e as presenças de seus cotidianos portem as cenas que singularizam forças viventes, geografias de

contato com a vasta campesinidade que dormita em caos cujo encarne em gente e coisa por vezes a realiza.

E seriam estas cenas que, concebidas e eleitas em conjunto, poderiam compor a obra. Dois regimes de imagens estariam presentes, cujo balanço entre eles dependeria dos gestos e impressões que advierem da corporeidade nas oficinas — espaços estéticos que tornariam o espaço físico em que estariam fluído e fugidio, dicotômico. O enredo seria a reprodução não fiel de um dia que se passa entre as presenças que envolvem e estão envolvidas pelas mulheres. Mas as oficinas ofertariam uma duplicidade neste “dia”; este se daria em dois tempos (ou mais), um que transcorre “normalmente” por entre seus afazeres e torna-se passado, passado “útil” que passará a ser reificado em oficina e forjará o outro tempo, ou outros tempos.



69

Teremos videografado um eu e seu passado, o eu-antes; teremos dois eus, um que viveu a cena e outro que a conta. Essa revivência *simultaniza* um eu e um não-eu numa relação que

69 A montagem acima usa a gravura de Elifas Andreato (O sementeiro), e retratos de reflexos de reflexos de espelhos. A idéia de infinitude se correlaciona com as estrelas-sementes do universo do lavrador e da repetição indefinida que parece retratar este universo profícuo. As acontecimentos deste universo dão-me a idéia pedagógica do cotidiano camponês e sua narrativa, preenchida de significações. A infinitude do lavrador é seu eterno retorno, carrega em si o potencial pedagógico sobre o qual a linguagem imagética pode produzir discurso e conhecimento.

separa e aproxima, e cria a necessidade de escolha, será ela o eu referente ou o eu que se refere? Ainda que seja uma alternativa aparente — pois que o narrador é mais abrangente que o narrado — essa nova abrangência fornece um hiato de alternativa e amostragem de possibilidades, mais até do que as que foram encenadas. Nesse aspecto teríamos um tema para o roteiro, mas esse poderia se re-roteirizar em novos traçados, novas presenças protagonistas: “o importante não é a mera entrada do corpo humano em cena, mas sim os efeitos dicotomizantes do espaço estético sobre esse corpo e sobre a consciência do protagonista que, em cena, torna-se sujeito e objeto, torna-se consciente de si mesmo e de sua ação.”⁷⁰

Nesse movimento então, poderiam as sensações e sentimentos criarem roteiro e conduzirem as filmagens subsequentes, pra enredarem imagens que caibam numa discursividade que pretende camponesa, tende a ela mesmo sem nunca chegar. Uma discursividade fecundada pela semente etérea que é a campesinidade; fecunda em queda pois que se desmancha ao toque de chão, se desmancha no todo... se faz terrena?

70 Augusto Boal, *Arco-íris do desejo*.

Seis dos onze

O Assentamento (?) Elizabeth Teixeira tem sido o caminho de, tem estado transeunte entre a reforma e o agrário; vida em agrarianismo, gerúndio sem dicionário: *agrariando...* Sem-terras semi-instalados em terra que não tem papel, sem-terra e sem-papel, sem o estável da formalidade, genuína *quasidade...*

Quasidade é um modo específico de acontecer, nem qualidade nem quantidade. Trata-se de uma categoria ontológica: a intensidade ou a virtualidade puras. O que exatamente acontece, quando algo quase acontece? O quase-acontecer: a repetição do que não terá acontecido?⁷¹

É neste intervalo que as imagens de *Seis dos Onze*⁷² ganham contorno. O próprio processo de aproximação e efetivação do campo para a coleta de suas imagens insere-se nessa atmosfera da quasidade, quase-imagens, quase-filmagens. A ciranda do assentamento é uma atividade de extensão da universidade em consonância com a organicidade do movimento no local; as crianças são convidadas a participarem em meio às suas cotidianidades; os espaços comunitários refletem a aspereza e a suavidade de tudo ao redor — a inserção subjetiva do que representa um movimento social para os que lá transitam, o pasto e seus matos-árvores que suportam o canto dos pássaros empoleirados, minúsculos sons de folha seca carregada de brisa que passeia também poeira, plásticos, rumores, mugidos; a inevitável concretude dos prédios da fundação Casa, logo ali... a interrogação de vencido prazo: presídio cercado crianças ou infância dissuadindo arames?

Esfarrapadas visões ainda do que lá vi. Olho farpado pela prisão das fundações que inventamos — casa, marcha, família, deus, liberdade, cidade, propriedade.

Elizabeth pra além e aquém da personificação que sugere o próprio do nome. Um signo avesso, um marco-mártir que desterritorializa pois não é fixo nem estático nem acabado, incandescência preta e branca que encarna pigmento dolor, saturação sul, amétrica intensidade que na engrenagem inventa a contra mola que resiste, variação color...

A Elizabeth-corpo, película e pele, documentário rodado na Galileia de cá, pernambucana. Documentário de Eduardo Coutinho interrompido pela armada força (romana?) de 64, ameaça

71 Eduardo Viveiros de Castro, *Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis*.

72 O vídeo pode ser visto em <http://vimeo.com/83585587>

campesina... terra-quase-dividida, filme-quase-rodado, interrompido, giro do tempo, finalizado 20 anos depois, aforada narrativa, semidocumental...

O Elizabeth-lugar, probidade distraída e informe, logradouro burla-credo, pagão da ordem, o fora, disforme... Espaço lacunar num artiloso tecido de paisagem normatizada.

Quase gente, o não-lugar, quase mito, o que não se assenta, persona de palco sem cenário. Movediço território, insustentável e leve no agudo do momento presente, o mesmo outro. Espaço estético que se remonta pela afecção da memória e pela subjeção imaginativa; Elizabeth nem gente nem lugar, sibila de sensível discursividade.

Flutuante é também o gregarismo itinerante daqueles que lá vão vivendo, à espera/des-espera (que se repete desde a favela) do que não terá acontecido, da truculenta reintegração que sempre quase-acontece (o aparelho de captura é o mesmo, a super corporação em estatal roupagem).

Há portanto uma latente (e até aqui perene) liberdade da significação — quem é este outro que lá vive, assentado, ocupante, aprisionado, vivente, sertanista de dentro? diabo tirante a cinza, um gris enculturante na terra parda. Ainda que pouco novidade exista na lida diária são novos os universos de referência que ali se vão estabelecendo; É esta liberdade de significação que aloca/desloca outros territórios existenciais, ainda que a existência pareça ser a mesma... risco campesino — diferença e repetição.

Exercício de criação na repetição, exercício de criação de linguagem que capta um instante deste devir. É a minuta da hora que permanece rascunho, sempre em obra.



Tijolos, fendas na palavra da palavra, decodificação frástica no objeto em si anunciando verdades secretas e ausentes. Parábola semântica e sintática, atualização constante do que já teria sido. Filme, documento, pele-película por sobre as texturas em que estas atualizações se projetam; pessoas e coisas tornadas signos de virtualidades atualizadas, tudo pra poder escavar mais a largo o que tudo isso revolve e não se define, mas está: verdades atonais.

Um lugar chamado Elizabeth sinonímia de vida(s) e desejos que atravessam as significações culturais que constituímos, como se a reforma agrária se tornasse um ente porque quase, e apenas quase, fenecesse, e este ente é quem atravessa: séculos, regimes, ideários, concepções, história, governos. E por apenas quase fenecer vai-se permanecendo desviva de fixações, como se abandonasse quem é pra deixar de ser transcendente, se tornar luto-luta-criação imanente... recampesinização?

Fala de Mateus menino, “aqui é os sem-terras Elizabeth Teixeira”, filho herdeiro de quasidade que impermanece na rigidez dos códigos, e a vida entre o cavalo e a moto é como alfabetizar o que ainda não tem letras e não se arranja em sentenças, ação do verbo recampesinizar. “Aqui é o nosso lugar que a gente mora e aqui nós não saímos mais”... o nunca sair agora não trata-se da circunscrição da gleba sem escritura, o nunca sair é do território do sempre inventar. Regime que se auto determina.

As imagens de Cabra marcado pra Morrer são as vísceras do argumento. Passado e presente, reunidos e divorciados pelas imagens — “a single image may be the explicit form of an entire virtual universe”⁷³. Passar por e rever Elizabeth lugar-filme-pessoa é tomar contato com um específico arquivo de memória, é testemunhar a história mesma da potência de se fazer história. A contação que nos provê Coutinho é um traçado delicado que faz marca e acentua à sua maneira o cinema nacional. Não está ali diretamente a tencionar a lógica do esquema representativo, mas todo ele é um bailar por entre narrativas que nos deslocam, imagens de imagens, projeções de um passado que não se presentificou, a não ser ali, no semblante das personagens, nas falas, nas *entremargens* da imagem.

O exercício de *Seis dos Onze* é reaver pelo documentário de Coutinho e pelas filmagens próprias o nó misterioso por entre os planos escolhidos de forma que possa surgir as metáforas entre o passado e o presente, fraternidades que se atualizaram ou não, comuns que se

73 Laura U. Marks, *Signs of the time*.

comungaram ou se partiram, filhos *elizabethianos* que vingaram esvanecendo-se.

Inventar história, tornar racionalidades indiscerníveis, pensar o comum do pensamento e transcorrer por entre a grande parataxe do inconsciente coletivo... seria esse o campo de uma educação imagética do campo? Poderia o material audiovisual engajar afeições e deserções que retalhem o corpo das representações culturais que nos pertence, em particular naquelas envolvidas na produção de alimentos, no rururbano, na ecologia e na ocupação de terras, na terra? É certo que estes símbolos massificados pelas estruturas dominantes precisam ser mutilados para que outros sentidos, múltiplos, surjam. Em que medida a subversão da lógica do esquema representativo na criação de linguagens audiovisuais responde às demandas do que se constrói em agroecologia, comunicação, pedagogias?

Para Rancière a frase não é necessariamente o dizível, a imagem não é necessariamente o visível; a frase-imagem é a união de funções a serem definidas esteticamente que subverte a lógica do esquema representativo. A imagem da frase-imagem deixa de ser um suplemento que confere consistência para se tornar a potência disruptiva do salto; a frase permanece no papel de encadeamento, mas apenas enquanto é aquilo que dá consistência, consistência da passividade das coisas sem razão... Mas se o suposto acima está livre da relação frase-dizível, imagem-visível, teremos então uma “potência frástica” e uma “potência imageadora” a serem alcançadas não por uma técnica de específica materialidade, mas por um arranjo cuja especificidade se dá pelos códigos de sua apresentação.

Vai formando-se aqui um desenho-base no qual podemos interferir, propor criações com. As relações de interesse nesta pesquisa fazem-se na multiplicidade das vivências agrícolas que se apresentam nos campos e que, conceitualmente, são constitutivas de unidades de análise acadêmica: os agroecossistemas de base agroecológica. Por sua vez, estas práticas respondem à multiplicidade que está composta na realidade envolvente, em seus diversos cortes de análises, estudos e percepções — ambiente, sociedade, economia, cultura, religião... Daqui podemos concluir sobre a indefinição pragmática, em seu caráter positivista e a despeito de seus princípios generalizantes, do que vem a ser Agroecologia, ela mesma aberta à miríade destas vivências agrícolas. Ainda que disciplinarmente circunscrita ao pensamento sistêmico, pedimos licença (poética) aos cânones da matéria para romper hierarquias analíticas...

Rancière nos apresenta enquanto virtude da frase-imagem o nó misterioso entre relações

enigmáticas que se dá pelos planos, fotografias e texto. A aposta é na potência de contato entre distintos elementos, e não de tradução ou explicação, o cinema como produtor da história a partir do choque de heterogêneos, choque que fornece a medida comum — capacidade de exibir uma comunidade construída pela “fraternidade das metáforas”.

O comum de interesse aqui parece ir-se forjando em desígnio, disposição de inventar o mundo diante o caos que têm os povos do campo; em desdobrar a força caótica em nó misterioso de relações entre a materialidade de seus registros; em circunstanciar a maneira própria de serem o mundo pela potência de continuidade, pela potência de ruptura... O comum de reunir elementos sob a forma de mistério *imbrincando* pequena fábrica de analogias para fazer o comum.

Retomar o pensar partilha, políticas partições do dar a ver e o dar a entender em educação (do) sensível. Militar no espaço vazio da uniformidade de cena para fazer corresponder as forças que movimentam outros regimes e inteligibilidades — vetores de digestão e apodrecimento de signos que não mais nos alimenta. Como na vasta paisagem em aberto preencher de ruralidades os espaços vazios, a multiplicidade dos existires no contínuo rururbano.

Uma mutação autogerida, criada em planos de contato com as velocidades e intensidades do caos de onde retiramos o que nos move e difere. Inventar diferenças diferenciantes que submeta o regime da falta e da queda ao que um dia foi; *desinventar* a forma civilizatória pra fazer acontecer uma suficiência campesina, indígena, ribeirinha, cidadina; desacelerar o crescimento e acelerar a transferência de riquezas, circulação livre de diferenças, em espaços produtores e reprodutores de sentidos para auto-suficiência e auto-determinação para uma vida que seja boa o bastante, ação suficiente.⁷⁴

Abrir alas ao novo, fresca visão de mundo que se atualiza no caos que nos mora.

74 Com uma distinção que nos alegra, Viveiros de Castro sintetiza em poucas linhas os sentidos silenciados pelos discursos sufocantes do comportamentalismo ecológico, clichês massacrantes e mascarantes do chamado capitalismo verde.

Referências

A DEMOCRACIA pra além do estado democrático de direito. Brasília: Fórum Senado Brasil, 2012. Son., color. Vladimir Safatle - Entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C8f6SpGnXns>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

ALBERGARIA, Danilo. Entre o universal e o relativo. **Com Ciência**, Campinas, v. 4, n. 108, p.1-10, maio 2009. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=46&tipo=dossie>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

ALMEIDA, Milton José. A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. **Pro-Posições** - Vol.10 n.2 (29), julho. 1999.

AZUL cor de terra. Direção de Rafael de Almeida. Goiânia: Estação Filmes, 2011. Son., color.

BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos:** contribuições da antropofagia cultural brasileira. Petrópolis: Vozes, 2013.

BENTES, Ivana. **Pensar as imagens como modo de produção de uma nova sociabilidade.** Entrevista concedida a Sonia Montano. Disponível em: <<http://tecnoculturaaudiovisual.com.br/?p=13035>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

BOAL, Augusto. **Arco-íris do desejo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

COMERCIAL para Monsanto. Realização de Dekalb e Monsanto. S.i.: Dekalb, 2008. Son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2k-AI1jU0cU>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

COMITÊ DISTRITO FEDERAL (Comp.). **Manifesto de Educadores e Estudantes contra a Violência e a Morte no Campo Brasileiro.** Disponível em: <<http://contraagrototoxicosdf.wordpress.com/2011/06/08/manifesto-de-educadores-e-estudantes-co>>

ntra-a-violencia-e-a-morte-no-campo-brasileiro/>. Acesso em: 12 abr. 2014.

COSTA NETO, Canrobert. “As dimensões territoriais da agroecologia e do agronegócio e os alcances e limites da noção de sustentabilidade”. Palestras do V Congresso Brasileiro de Agroecologia. **Rev. Bras. de Agroecologia** Vol.2 No.2/Out. 2007.

DE-SINTONIAS. Realização de Marcelo Vaz Pupo. Campinas: S.i., 2013. Son., color. Experimentações audiovisuais para pesquisa no mestrado. Disponível em: <<http://vimeo.com/73157545>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Ed., 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 9, p.87-97, dez. 1998.

ESPINOSA, Julio García. Por um cinema imperfeito. In: PONTÃO DE CULTURA REDE CULTURAL DA TERRA (Org.). **Caderno das artes: estudos sobre audiovisual e a construção da realidade**. São Paulo: Cepatec, 2009. p. 90-99.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Ed. Paz e Terra, 29a edição, 150 p. 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

GOMES, João Carlos Costa; BORBA, Marcos. Limites E Possibilidades Da Agroecologia Como Base Para Sociedades Sustentáveis. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, v. 1, n. 29, p.5-14, jul. 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira. Desfazendo Nós: Educação e Autopoiése. In: GONSALVES, Elisa Pereira (org.). **Educação e Grupos Populares: temas (re)correntes**. Campinas: Editora Alínea,

2002. p. 65-78.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart (Ed.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/the Open University, 1997.

HALL, Stuart. Cultural studies: Two paradigms. **Media, Culture and Society**, vol. 2, n 1,

SAGE, London, New- bury Park and New Delhi, p. 57-72. 1980.

KUPER, Adam. Clifford Geertz: Cultura como religião e como uma grande ópera. In: KUPER, Adam. **Cultura**: A visão dos antropólogos. Bauru: Edusc, 2002. p. 75-121.

LATOUR, Bruno. **Jamis fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEHER, Roberto. **Manifestações massivas no Brasil têm origem na esquerda**. Correio da Cidadania. Disponível em: <http://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8543:submanchete270613&catid=63:brasil-nas-ruas&Itemid=200>. Acesso em: 12 abr. 2014.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. Trad. Inácia Canelas. Lisboa: Editorial Presença, 2008

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MARKS, Laura U. Signs of the Time: Deleuze, Peirce, and the Documentary Image. In: FLAXMAN, Gregory. **The Brain Is the Screen: Deleuze and the Philosophy of Cinema**. Minneapolis: University of Minnesota, 2000. 193-214.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

O FUTURO do alimento. Direção de Debora Koons Garcia. Mill Valley: Lily Films, 2004. Son., color. Legendado.

PELLEJERO, Eduardo. **A postulação da verdade**. Lisboa: Vendaval, 2009. Trad. Susana Guerra.

PETERSEN, Paulo. (org). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

QUEREMOS uma Kombi. Direção de Marcelo Vaz Pupo e Willon Mazalla Neto. Mogi Mirim: Anônimos Produções, 2012. Son., color. Disponível em: <<http://vimeo.com/53014999>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

RÀNCIERE, Jacques. A associação entre arte e política segundo o filósofo Jacques Rancière: depoiment. 2009. São Paulo: **Revista Cult**. Entrevista concedida a Gabriela Longman e Diego Viana.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. **Observatório Social de América Latina**, Buenos Aires, v. 16, n. 6, p.263-272, jan. 2005.

ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica. In: HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano

(Ed.). **Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 128-147.

ROUSE, Joseph. Cultural Studies of Science. **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**, 2001. p. 3125-27.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por Uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 1, n. 63, p.237-280, out. 2002.

SEIS dos onze. Direção de Marcelo Vaz Pupo. Limeira: S.i., 2014. Son., color. Experimentações audiovisuais para pesquisa no mestrado. Disponível em: <<http://vimeo.com/83585587>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo, GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel. **Sobre a Evolução do Conceito de Campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 96p.

SILVA, Tomás Tadeu. O projeto educacional da nova direita e a retórica da qualidade total. In: GENTILLI, Pablo; SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: Cnte, 1996. p. 167-188.

TRANSCENDENT man. Direção de Robert Barry Ptolemy. 2009. Son., color. Filme sobre Ray Kurzweil. Disponível em: <<http://transcendentman.com/>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

VAZ PUPO, Marcelo. **Construindo Caminhos da trilha da Agroecologia e Extensão Rural**. Campinas: Relatório Vivência Agrária: Feagri Unicamp, 2007.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**: o brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2003.

VIDEOFONOGRAMA. Direção de Marcelo Vaz Pupo. Campinas: S.i., 2012. Son., color. Experimentações audiovisuais para pesquisa no mestrado. Disponível em: <<http://vimeo.com/55544080>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

VISÕES de outra Roça. Direção de Marcelo Vaz Pupo. Roteiro: Marcelo Vaz Pupo e Marsha Habib. Campinas: Cisco, 2006. (30 min.), Mini DV, son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zQb063qjcCk>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis: depoiment. 2008. Rio de Janeiro: **Encontros: Eduardo Viveiros de Castro**. Entrevista concedida a Renato Sztutman.

WOLF, Eric. Cultura, Ideologia, Poder e o Futuro da Antropologia. **MANA – Estudos de Antropologia Social**, v. 4, n. 1, p. 153-163. abr. 1998.

WOLF, Eric. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

WUNDER, Alik. Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola In: **31ª Reunião Anual da ANPEd**, Caxambu, 2007.